

Narrativas de Prosperidade e Adequação de causalidades

Neste capítulo relatarei apenas uma pequena amostra de análise dos quase sessenta testemunhos – com um total de mais de três horas de gravação – gerados para esta pesquisa¹ durante meu trabalho de campo. Essa amostra é formada por três narrativas alinhadas ao sistema de coerência da TP: duas delas aparecem na forma de entrevista (uma delas foi exibida num programa de TV e a outra publicada numa página da internet); a terceira emerge num testemunho pessoal (onde não há troca de turnos) publicado também na internet, na página oficial de uma outra igreja.

Aqui também relembro as principais teorias em que se fundamenta esta pesquisa bem como as categorias a que mais recorrerei durante as análises; por fim, procurarei mostrar que caminhos analíticos adotei a fim de compreender a forma pelas quais os reprodutores do discurso da TP direcionam ou delimitam os sentidos (bem como bloqueiam outros) passíveis de serem construídos a partir de suas histórias, as quais têm sempre o intuito de valorizar o engajamento em práticas bastante recorrentes e portanto de alto valor simbólico dentro do sistema ideológico dessas igrejas.

5.1.

Introdução às análises

De antemão, é preciso dizer que este trabalho se fundamenta na crença de

¹ Ver seção sobre dados no capítulo de metodologia.

que qualquer programa de televisão ou matéria colocada à disposição do público na rede virtual “só se justifica pela presença constante e silenciosa de uma plateia” (THOMPSON, apud BASTOS & BIAR, 2009, p.6). Diante disso, e considerando o fato de que duas transcrições aqui analisadas são entrevistas – enquadre caracterizado por uma sequência de perguntas e respostas – realizadas diante de uma audiência não intermediada, optei por seguir aqui raciocínio adotado por Bastos e Biar em seu artigo (referido acima), defendendo também a existência de três diferentes níveis de interlocução nos dados aqui analisados: o primeiro é o que se dá entre os dois animadores (pastor e entrevistado), cujos papéis são ratificados pela alternância de turnos em pares adjacentes, proximidade física, uso de vocativos e referências compartilhadas, por exemplo.

O segundo, é o que se estabelece entre ambos animadores “falantes-em-binômio” (cf. BASTOS & BIAR, 2009) e a plateia (público presente no auditório da igreja), esta tomada como interlocutor ratificado pelo fato de entrevistador e entrevistado estarem voltados para ela e fazerem contato visual com a mesma; pra além disso, importa reiterar que um dos principais objetivos desses testemunhos é justamente o de suscitar na audiência estados intencionais que a tornem mais suscetíveis a alinhar-se ao sistema de crenças do evangelho da prosperidade.

O terceiro e último nível de interlocução – mas nem por isso menos importante, se se considerar seu propósito de existência – é o que se estabelece entre o conjunto animadores-segundo nível de audiência e os “interlocutores imaginados” (Goffman, 1981), ou seja, os telespectadores ou internautas:

nesse nível, entrevistador e entrevistado estão arrolados em bloco como interlocutores que se dirigem a uma audiência imaginada (Goffman, 1981) presumivelmente atenta à televisão. Ainda que distante no tempo e no espaço, tal audiência reagirá responsivamente à interlocução, e captará os sinais que lhe conferem a condição de ouvinte (BASTOS & BIAR, 2009, p.7).

Por isso, não obstante os programas televisivos possam manifestar um tipo de interação assíncrona, não entendemo-la como unilateral; e não obstante geralmente não haja possibilidade de tomada de turno por parte do ouvinte², pode-se perceber a resposta deste último aos anúncios feitos pelos apresentadores do programa sobre as reuniões, por exemplo, quando se vê um auditório (com

² As exceções são os momentos em que o apresentador conversa “ao vivo”, por telefone, com um telespectador do programa.

capacidade para mais de dez mil pessoas) praticamente lotado em cultos realizadas ao longo do dia, em plenas segundas-feiras. Tal constatação endossa o postulado de que “o poder de alcance de um programa de TV faz com que seu espaço de interação não se esgote nos limites do estúdio” e que “as salas de estar que recebem a transmissão tornam-se espaços paralelos de alguma maneira englobados pela situação comunicativa” (BASTOS & BIAR, 2009, p. 15).

Os testemunhos em si, entendemo-los como falas que se apresentam basicamente em forma de narrativas tanto nos depoimentos dados dentro do gênero entrevista (cuja estrutura de turno é caracterizada por um pedido de informação seguido de resposta) como naqueles em que a fala do narrador não é circunscrita (pelo menos aparentemente) pela fala de um outro interlocutor (caso do testemunho do senhor Wilson Alves, por exemplo).

Nesse trabalho, a análise de narrativas será o principal meio utilizado com o fim de alcançar os objetivos iniciais desta pesquisa, a saber, o de criar entendimentos sobre o sistema de coerência da Teologia da Prosperidade. Esse viés da pesquisa qualitativa (a análise de narrativas) pode agregar validade às reflexões aqui realizadas, uma vez que “a análise de como e o que as pessoas narram em entrevistas (...) remete a estruturas socioculturais mais amplas, ao universo social no qual transitam os interactantes” (BASTOS E SANTOS, 2013, p. 13).

E embora os interactantes das situações aqui analisadas não sejam, como visto, somente o entrevistador e o entrevistado – mas também a plateia do segundo e terceiro níveis de audiência – o que acontece no primeiro nível de interlocução será aqui priorizado posto que

“nem narrativas elaboradas, nem respostas de uma palavra emergem sem provocações. O papel do entrevistador ativo é incitar as respostas dos entrevistados, virtualmente ativando a produção de narrativas. (...) o entrevistador conscientemente ativo intencionalmente provoca respostas indicando – ou mesmo sugerindo – posições narrativas, recursos, orientações e precedentes” (HOLSTEIN & GUBRIUM, 2003; apud DIAS, 2011, p.28).

Assim, procurarei acompanhar o modo como os pastores entrevistadores, por exemplo, assinalam alinhamentos que serão endossados pelas respostas dos entrevistados e buscarei lançar luz sobre estruturas que sugerem não serem suas perguntas tão neutras assim. Assim sendo, a narrativa que surge como fruto dessa

coconstrução cria sentidos e significados que atuarão sempre no sentido de endossar a veracidade ou eficácia dos pressupostos da TP manifestos nas práticas do sacrifício, das campanhas e das parcerias.

Procedendo uma breve revisão das principais e mais recorrentes categorias utilizadas nas análises aqui empreendidas, começo por aquelas tomadas de empréstimo à sociolinguística interacional: cenário, situação e evento. Nos dados gerados nesta pesquisa, tanto cenário quanto a situação mudam de uma análise para outra: o primeiro (cenário) por se tratar do ambiente em que a interação se deu; o segundo (situação) por causa do contexto em que o testemunho foi concedido (uma reunião de busca da prosperidade ou num culto evangélico, por exemplo).

Ao nomear esse evento de testemunho, uso o termo num sentido bem restrito, que pode ser alcançado ao se imaginar que dois testemunhos dados na mesma igreja pelas mesmas pessoas *em momentos diferentes* já não representam o mesmo evento, embora todos possam ser classificados sob o mesmo enquadre testemunho.

É por isso que o termo testemunho, como enquadre, tem um sentido mais amplo; as falas de Carlos, Ednaldo e Wilson foram classificados aqui sob esse enquadre com base em algumas pistas de contextualização, isto é, considerando tanto a estrutura tópica de seus discursos (de que estão falando) como a sua estrutura de participação (a distribuição de papéis, direitos e deveres nesse tipo de interação), compartilhada e perfeitamente observada por entrevistado, por entrevistador e provavelmente pela maior parte das audiências dos últimos níveis de interlocução.

A ratificação, por seu turno, pode ser melhor compreendida ao se atentar para pistas de natureza não-verbal, como os semblantes ou expressões faciais de entrevistado e entrevistador (no testemunho de Ednaldo), que emitem sinais de atenção e autorização à fala do outro durante o encontro (BASTOS & BIAR, 2009, p.5). Também a plateia (que por duas vezes é posta em tela durante a exibição da gravação do testemunho de Ednaldo) emite pistas de que age responsabilmente a partir de marcas de envolvimento comunicativo (TANNEN, 1989; apud BASTOS & BIAR, 2009): olhares, aplausos e expressões diversas).

Dir-se-ia que há, nas narrativas alinhadas à TP (tanto nas de estrutura laboviana quanto nas pequenas narrativas), um fraco elo de causalidade (LINDE, 1993) entre muitos eventos narrados. A fim de que essa noção – própria daqueles que a avaliam sob bases culturais diferentes das de um adepto da TP – seja revertida, há uma recorrente necessidade de manejo das inadequações causais; esses “afastamentos do que é estranho” (BRUNER, 1997) – matéria central na presente pesquisa, como se verá nas análises em destaque – atuarão no sentido de adequar as causalidades entre os eventos da história, deslocando-os do âmbito do excepcional e aproximando-os do comum.

Para não cair em contradição, é necessário entender a aproximação do comum como uma “reiteração das normas de um grupo social” (idem), isto é, dos adeptos da Teologia da Prosperidade; tais normas estabelecem-se sobre bases culturais específicas, de certo modo diferentes das de uma pessoa não alinhada a esse sistema de crenças.

Assim sendo, a coerência, além estar relacionada a outras narrativas do mesmo sistema de crenças tem a ver, no caso, com a relação que tais narrativas estabelecem com os discursos típicos da TP de forma geral, relação essa que não pode ser de contradição. É importante, portanto, ter sempre em mente que “não é possível ou apropriado julgar as narrativas que analisamos na base de sua relação com alguns postulados do mundo dos fatos. Coerência e não facticidade é o critério apropriado para julgamento” (LINDE, 1993).

Portanto, como já se afirmou acima, “as histórias e as interpretações dessas histórias tornam-se fundamentais para explicar desvios do comum de uma forma compreensível”. Nos dados, isto é, nas histórias analisadas (dentre as quais a de Carlos Henrique, a de Ednaldo e a do senhor Wilson), o discurso subjacente é o da intervenção divina que surge como forma de retribuir ou recompensar a adoção de alguma prática própria da TP por parte do fiel.

Ao mencionarem as práticas do sacrifício, das campanhas e da parceria, entrevistadores e entrevistados acabam sutilmente estabelecendo um elo de causalidade entre alinhamento à TP e sucesso financeiro. Dentro do contexto em que emerge tal justificativa, a narrativa torna-se aceitável, atendendo assim à inexorável demanda por coerência que é tanto social (externa) quanto psicológica

(interna, pessoal).

5.2.

“Fé, obediência e sacrifício”

Os dados analisados nesta seção foram gerados de um programa de televisão, e embora a gravação por mim realizada não tenha capturado as imagens, a presente análise procurará, de modo complementar, considerar também os dados dos registros realizados ao longo do trabalho etnográfico, com o intuito de lançar mais luz que colabore para o entendimento sobre “o que estava acontecendo” nos diversos momentos que constituem a entrevista.

O programa onde a entrevista foi exibida é veiculado às segundas-feiras, de meio dia às três da tarde num horário alugado pela IURD na Rede TV!³. Importa observar que, em casos assim, não só os entrevistados e entrevistadores estarão (re)construindo ativamente uma determinada forma de realidade, mas também os editores do programa terão o poder de delimitar o assunto em foco em cada entrevista, atendo-se aos elementos que mais interessam aos produtores do programa, sempre visando alcançar determinado fim. O formato do programa se assemelha ao de um telejornal; nele, a partir do estúdio o âncora – papel desempenhado por um dos pastores da igreja – posicionado de pé, dirige-se aos telespectadores com problemas financeiros “humanamente impossíveis de serem resolvidos”; mas não somente pessoas endividadadas são o público-alvo do programa (ver figura 2).

No programa do dia treze de abril de 2015, a convocação para o Congresso Empresarial Nação dos 318 utilizou o *slogan*: “um lugar para quem quer aprender a crescer financeiramente e profissionalmente”⁴. O programa se estrutura em diversos quadros: num deles, por exemplo, entrevistam-se pessoas presentes numa das reuniões, que relatam algumas das mudanças que teriam ocorrido em suas vidas financeiras após tornarem-se parte da “Nação”⁵: pessoas que não tinham dez

³ Embora a IURD seja dona de uma emissora de TV, o horário nesta outra emissora custa mais barato.

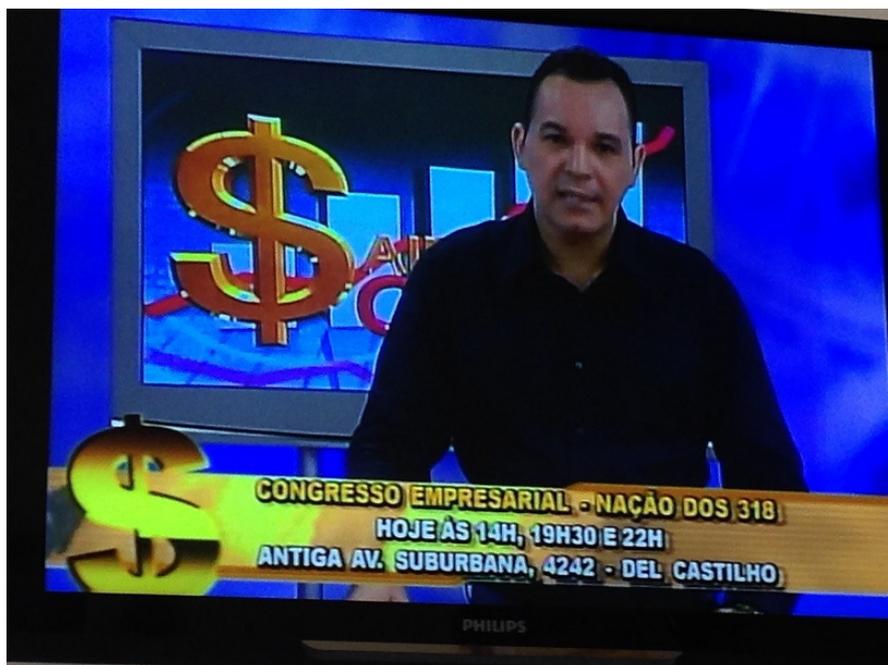
⁴ Em uma das reuniões a que estive presente, fez-se oração em favor de “pessoas que desejassem brilhar”, que entendiam “já ter chegado o tempo de se destacarem naquilo que fazem”.

⁵ Modo como se denomina o grupo de pessoas que frequenta e compartilha das crenças e

centavos para comprar pão pros filhos e que, após se juntarem à Nação, presenteiam-lhes com carro zero e casa; outras que estavam com a vida financeira “amarrada” e às quais, depois de conhecerem o congresso, as “portas começaram a se abrir”.

Também durante o programa os pastores fazem orações nas quais pedem socorro para os telespectadores com problemas (financeiros); são exibidas ainda entrevistas realizadas nos altares dessas igrejas e matérias que tratam da crise financeira que se instala no país. Uma dessas entrevistas, veiculada pelo programa no dia vinte de abril de 2015, é a que está transcrita na próxima seção. E é sobre esses dados que realizo as primeiras reflexões.

Figura 2: Foto do Programa de TV



5.2.1.

Contextualização

A interação transcrita abaixo se deu no “Congresso Empresarial Nação dos 318”, reunião que ocorre em diversos horários, todas as segundas-feiras, na Catedral da IURD; os nomes pelos quais tais reuniões podem ser designadas são

práticas simbólicas “ensinadas” no congresso da Nação dos 318.

diversos: reunião dos empresários, de busca da prosperidade, “vigília⁶ da riqueza⁷”, etc. Neste endereço ocorrem outras reuniões com o mesmo foco, em outros dias da semana e em auditórios menores; uma delas, em que tive a oportunidade de estar presente, foi definida pelo pastor como sendo destinada a pessoas que estivessem em busca de seu primeiro bilhão de reais⁸.

A Catedral da Igreja Universal do Reino de Deus situa-se no bairro de Del Castilho, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, e é um dos edifícios do conjunto de prédios onde se localiza o “QG” da IURD no Rio de Janeiro: lá estão a chamada nave principal, a nave auxiliar, um prédio administrativo de oito pavimentos e quatro prédios de apoio de quatro pavimentos cada um, além de um heliponto.

Segundo a IURD, as madeiras e pedras que revestem o templo teriam sido todas trazidas de Israel, bem como as espécies de plantas que ornaram seus jardins internos. Nas paredes externas da catedral há inscrições de diversas passagens bíblicas do Antigo Testamento e o seu interior (com ar-condicionado central) tem capacidade para mais de 10 mil pessoas sentadas em poltronas estofadas, as quais tive a oportunidade de ver quase que totalmente ocupadas numa reunião realizada às 14 h de uma segunda-feira, com pessoas integrantes das mais diversas classes sociais.

Fato marcante é que pouquíssimas dessas pessoas carregavam bíblias consigo, o que pode ser compreensível se se considerar serem raros (nas reuniões de busca de prosperidade da IURD) os momentos de leitura da Bíblia, fato que me dava a sensação, por vezes, de estar assistindo a uma palestra de cunho motivacional.

Dentro da nave principal há um palco (chamado de altar), para o qual as fileiras de cadeiras da plateia se direcionam. Do centro desse altar sobe uma estrutura metálica com várias hastes e acima dele há um grande vitral. O formato do auditório faz lembrar ao de um estádio de futebol (partido ao meio) e há telões espalhados em lugares estratégicos, de tal forma a que todos ali presentes possam

⁶ Nome como os evangélicos chamam as reuniões de oração que costumam começar à noite e se estender pela madrugada, terminando ao alvorecer do dia seguinte.

⁷ Realizada em 10/08/15 das 22 às 23:20, aproximadamente, na “Catedral”.

⁸ Estas reuniões, para as quais não se faz chamada pela TV, são realizadas numa das naves (auditórios) do Complexo de prédios da IURD em Del Castilho.

ver “mais de perto” e “de frente” tudo o que se passa no altar.

No cenário descrito acima também acontecem, ao longo da semana, cultos com diferentes enfoques, tais como os voltados para questões sentimentais, amorosas e familiares – *terapia do amor* – ou para problemas diversos⁹ – *libertação*. Pode-se considerar que tal alternância entre os objetos da interação altere sensivelmente a situação social configurada, ainda que, como é de se esperar, todas essas reuniões se utilizem de crenças que, conjuntamente, configuram o sistema de coerência do evangelho da prosperidade.

A situação social da interação, portanto, é a de uma reunião “para quem quer crescer financeira e profissionalmente”¹⁰, cabendo esclarecer ainda que embora o enquadre desta interação aproxime-se ao de uma entrevista, o fato de um dos participantes (Carlos Henrique, como se verá) ter quase a totalidade do piso conversacional acaba por estabelecer um rearranjo, cujo esquema de conhecimento é compartilhado pelos interlocutores, que configura o que se chama testemunho, ou seja, o momento em que um fiel, numa reunião religiosa, relata acontecimentos cuja causalidade julgue, em última instância, estar associada a uma intervenção divina.

A narrativa gira em torno das reviravoltas que se deram na vida de Carlos Henrique, e pode-se afirmar que sua função primordial seja criar uma causalidade que atenuie ou pelo menos, “torne compreensível o afastamento de um padrão cultural canônico” (BRUNER, 1997, p.50). Para além disso, teriam o efeito de (a) estimular a audiência do segundo e terceiro níveis de interlocução a envolver-se com práticas que são indícios de alinhamento ao sistema de coerência do evangelho da prosperidade, tal como a realização de “sacrifícios” – mencionada por Carlos Henrique no final de seu testemunho; (b) servir como uma espécie de anúncio ou comercial das reuniões do congresso empresarial para o terceiro nível de audiência, ou seja, os telespectadores, razão de ser do programa televisivo; (c) minar estados de desconfiança ou ceticismo relativamente à eficácia da TP.

⁹ Na página que discorre sobre o culto de libertação, realizados todas as sextas, lê-se que “a origem de qualquer que seja o problema que você tem enfrentado são os espíritos malignos.” Fonte: <http://www.universal.org/reunioes/libertacao> (acesso em 13/08/15).

¹⁰ Conforme informou uma das entrevistadoras do programa veiculado pela TV em 20 de abril de 2015.

5.2.2.

O testemunho

A transcrição abaixo reproduz a entrevista concedida por Carlos Henrique a um pastor da IURD; um dos fatores que mais pesaram na sua escolha dentre as demais foi por possuir uma estrutura tipicamente canônica (nos termos labovianos).

Excerto 1: Nação

01 Pastor: qual o nome do senhor?

02 Carlos: carlos henrique.

03 Pastor: seu carlos, **antes** da nação, como é que era? (0,8)

04 Carlos: pastor, eu cheguei aqui numa situação ... delicada.

05 eu tinha um cargo bom, era procurador, ganhava bem

06 mas de repente eu perdi esse cargo .h e::

07 eu tava noivo, prestes a casar,

08 e o apartamento que nós, hoje moramos, esse apartamento tava

09 com várias dívidas, (0,9)

10 o:: dívida de iptu, condomínio e tudo, então eu não aceitava

11 isso. eu cheguei aqui desesperado não tinha:: noção eu falei pô

12 perdi o cargo que eu ganha- que eu tinha um bom-

13 Pastor: [era procurador?

14 Carlos: sim, senhor .h

15 e:: o apartamento, belo apartamento na barra da tijuca com

16 vista pro mar e tudo, ele tava prestes a >ir a leilão<

17 e eu **nunca** imaginei que eu ia pisar na >igreja universal<

18 inclusive ela é minha esposa, ela já tinha feito a

19 corrente da nação .h

20 e ela falou "vamo lá" e eu >falei eu< "não,não,não"

21 e aí teve um domingo o bispo macedo teve aqui na catedral,

22 Eu vim com ela, meio reticente

23 aí ele fez a chamada pra nação

24 f:: comecei a fazer

25 >daquele momento ali< eu consegui reverter a situação

26 tirei, o imóvel, do leilão de iptu, fui equacionando as

27 dívidas, e pra, terminar, a dívida de, setecentos e sessenta

28 mil, caiu pra sessenta mil reais em vinte e quatro parcelas

29 de dois mil e quinhentos reais, .h

30 ou seja,impossível, aos olhos do homem, .h

31 >porque todo mundo sabe<, eu sou advogado, .h

32 imóvel em leilão, ninguém faz acordo,

33 você, vai a leilão, pra comprar lá embaixo, não tem,
 34 >então<, aos olhos- era impossível.
 35 Pastor: o homem que nunca se imaginou na igreja universal, (1,5)
 36 na igreja universal >a vida dele mudou<, não é isso?
 37 Carlos: com certeza=pastor ap- aqui eu aprendi um tripé, fé,
 38 obediência e sacrifício,
 39 >se prepara que dois mil e quinze vai arrebentar<
 40 Pastor: amém. hh tá ligado. H

5.2.3.

Análise dos dados

Posto que tanto entrevistado como entrevistador se alinham à Teologia da Prosperidade e por isso mesmo compartilham vários esquemas culturais, não deve surpreender que (praticamente) apenas uma pergunta (linha 3) desencadeie toda a história narrada (até linha 34). Como se pode ver, é através do uso do pronome *o senhor*, na primeira pergunta – “qual o nome do senhor?” (linha 1) –, que o entrevistador insere Carlos Henrique na condição de interlocutor ratificado. A pergunta seguinte, “**antes** da nação, como é que era?”, aparece como uma expressão de abertura de formato bem característico de entrevistas desse sistema de coerência.

Outras formas dessa expressão nesse tipo de entrevista, observada nos dados que compõem a presente pesquisa, são “o que que mudou depois da Nação?”, “quando você chegou aqui como é que era a situação financeira?” ou “qual o resultado aqui na Nação?”. Nossa percepção é de que através desse tipo de pergunta o pastor (entrevistador) sinaliza para o entrevistado qual referencial temporal espera que apareça como ponto de virada na história de vida que emergirá a partir dali.

Ora, se se considera que (i) “a cada encontro social em que os participantes se reconhecem mutuamente como interactantes eles tendem a seguir uma linha sustentada por suas impressões sobre o encontro, sobre os demais participantes e sobre eles mesmos” (BIAR, 2012), e que (ii) o senhor Carlos Henrique está ciente do lugar de sua fala¹¹, do papel de seu interlocutor e de sua

¹¹ No caso de templo lotado, só a audiência do segundo nível de interlocução pode ultrapassar dez mil pessoas.

condição como um membro-participante da Nação, é de se esperar, como de fato o fará, que ele sustente esse marco temporal em sua narrativa.

Contudo, considerando os vários níveis de interação que acontecem durante o testemunho, e posto que a coerência não é uma propriedade absoluta dos textos mas sim criada pelo falante e pelo receptor (LINDE, 1993), acredito que esse referencial temporal “sugerido” pelo pastor e acatado por Carlos desempenhe também o papel semelhante ao de uma justificativa empregada com o intuito de assegurar que a guinada experienciada pelo entrevistado seja entendida como tendo sido motivada por uma causalidade adequada.

A pergunta desencadeia, então, uma típica narrativa laboviana, apresentando os segmentos orientação, complicação, avaliação e resolução. As histórias que se enquadram nesse modelo narrativo geralmente começam com uma seção de orientação em que o narrador discorre sobre uma situação de dificuldade, debilidade ou vulnerabilidade em que se encontrava uma ou várias áreas de sua vida pessoal, uma das quais será necessariamente a financeira. Exemplo destas histórias é a do próprio Carlos Henrique, em que na orientação aparece um prototípico segmento avaliativo - eu cheguei aqui numa situação... delicada (linha 4).

Carlos fundamenta essa avaliação enumerando os fatos que lhe sobrevieram – eu tinha um cargo bom, era procurador, ganhava bem mas de repente eu perdi esse cargo (linhas 5 e 6); eu tava noivo, prestes a casar (linha 7); e o apartamento (...) tava com várias dívidas, o:: dívida de iptu, condomínio e tudo (linha 10). Esse relato, por configurar uma situação excessivamente desfavorável (sob a ótica do senso comum¹²), teria o poder de atrair a atenção da audiência dos segundo e terceiro níveis de interação; principalmente a constituída por uma parcela que se encontra, no momento da interação, vivendo essa mesma realidade, agora reconstruída pela narrativa.

Isto se daria porque o uso da crença, também do senso comum, que assegura que “se ele conseguiu eu posso conseguir também” não está condicionado a uma circunstância ou posição especial (LINDE, 1993). Neste caso, as atenções recairiam não só sobre as alegações fornecidas pelo pastor – e

¹² Crença presumivelmente conhecida e passível de ser usada por qualquer integrante de uma dada cultura (LINDE, 1993).

endossadas por Carlos (antes da Nação X após a Nação, por exemplo) – mas também sobre outros fatores que o mesmo, ao longo da narrativa, insinuará terem contribuído para a obtenção de sua “vitória financeira”.

Cabe aqui fazer menção a duas constatações efetuadas ao longo de da pesquisa: a primeira é o fato de – diferentemente da narrativa canônica de Carlos Henrique – haver diversos testemunhos que se apresentam como narrativas mínimas¹³ onde na primeira parte o narrador trata de algum aspecto de sua adesão à TP (assiduidade às reuniões ou contribuição financeira, por exemplo) e na segunda aparece o recebimento de algum tipo de “vitória financeira”¹⁴ (simbolizada por inesperados aumentos salariais, pelo incremento dos negócios, pelo ganho de uma causa na justiça, pela aprovação em um concurso, pela diminuição inexplicável da tarifa do serviço de água, pelo recebimento/aquisição de um carro zero-quilômetro, etc.).

A outra constatação é praticamente uma consequência direto do que acabamos de ver e reside no fato de o narrador apagar a informação sobre o modo como a crise financeira se instalou na sua vida ou sobre que fatores a causaram.

Diferentemente desses casos, onde os protagonistas somente mencionam (na orientação) que chegaram à Nação na condição de “falidos”, “passando fome”, “tendo cinco causas na justiça”, ou mesmo “com a vida financeira e sentimental totalmente destruída”¹⁵, a informação sobre a perda do cargo de procurador aparece aqui como uma ação complicadora da narrativa, sugerindo ser esta a origem de suas dívidas, para cuja espetacular liquidação as audiências deverão levar em consideração as razões apresentadas ao longo da narrativa.

¹³ “(...) sequência de duas orações que estão temporalmente ordenadas: isto é, uma troca em sua ordenação resultará numa alteração na sequência temporal da interpretação semântica original” (LABOV, 1972, p.360-361).

¹⁴ Há exceções, como o caso de um homem que associou o escape da morte da neta, que corria risco de morte pelo fato de estar com o cordão umbilical enrolado no pescoço, à sua participação na campanha da unção financeira

¹⁵ Acreditamos que histórias assim estruturadas comprometem o que Linde (1993) chama de princípio de coerência da causalidade. Para a autora “parte da tarefa do narrador em criar uma causalidade adequada está em estabelecer um elo de causalidade que não é nem muito forte nem muito fraco” (LINDE, 1993, p.28). Assim, alguém que começa uma narrativa dizendo que chegou à igreja “com duzentos mil reais em dívidas”, apagando a informação do que motivou tal situação, estará tornando sua história suscetível de correção, por apresentar a sua audiência um processo de vida excessivamente aleatório e fortuito (ibidem).

1ª razão: “Inconformação”

Parece que a perda do cargo produz em Carlos um estado intencional que frequentemente aparece nos discursos dos membros da “Nação”, estado esse que tanto nos “veteranos” quanto nos recém-chegados – que lá comparecem respondendo ao *slogan* “prosperidade, crescimento, vitórias, total superação: venha em busca de todas essas conquistas na Nação dos 318” – se busca suscitar, conforme corroboram os inúmeros sermões que ouvi durante a pesquisa de campo.

Trata-se da inconformação/indignação diante das adversidades – “então eu não aceitava isso” (linhas 10 e 11) –, que aparece como a primeira de uma lista de razões reivindicadas por Carlos como fornecedoras das causalidades (LINDE, 1993) da reversão da situação em que se encontrava ao chegar à Nação. Este estado intencional é, conforme sugerem várias narrativas geradas ao longo de desta pesquisa, um dos que mais se procura estimular e manter vivo nos fiéis da Nação. O trecho de um testemunho transcrito no excerto 2, “revolta”, (que rejeita a condição de “miséria”, do “mar de dívidas”, e dos “problemas”¹⁶) é apenas um dos vários exemplos que sustentam nosso pensamento:

Excerto 2: “revolta”

01 leonardo mas quando nasceu **dentro** de mim uma **revolta**, uma **revolta** uma
 02 **persistência**, e eu coloquei isso até em **papel** e falei a partir de
 03 hoje isso muda ou muda
 04 pastor Determinou
 05 leonardo Determinei
 06 pastor que que houve?
 07 leonardo coloquei mais força nisso tudo, na campanha, nos propósitos, nessa
 08 nação maravilhosa aqui [...]

Examinando o excerto 3, firmeza, pode-se perceber que a revolta contra a miséria (ou qualquer outra condição adversa) deve ser revertida num maior engajamento do adepto com a “Nação”, fato que é confirmado pelo excerto a seguir:

¹⁶ Essas e outras expressões de sentido aproximado são bastante recorrentes nestas reuniões, principalmente durante as orações que buscam exorcizar os “espíritos” responsáveis (segundo seu entendimento) por alguém viver nessa condição.

Excerto 3 - “firmeza”:

09 leonardo aí eu comecei a vim, frequentar, não acreditei muito mui-
 10 pastor [a
 11 princípio, desculpa, a princípio o senhor não acreditou?
 12 leonardo não acreditei, e:: muitas pessoas lá fora falou “não isso não vai
 13 adiantar”, muita dúvida, mas eu continuei firme .h, e eu inclusive
 14 algumas vezes eu não tinha dinheiro, e eu pedia pra:: pa uma
 15 carona. quan-
 16 pastor [quer dizer o senhor vinha, **nem** dinheiro da passagem
 17 o senhor tinha quando chegou aqui
 18 leonardo **não** tinha. muitas das vezes eu vinha andando de lá da grotta pra cá,
 18 onde eu morava, e:: permaneci firme, entendeu?
 20 algumas vezes teves (SIC) operações eu tive que dormir
 21 dentro do banheiro, porque:: algumas balas atingia a minha
 22 residência e isso só:: pra mim só serviu pra mim reforçar

Nossa percepção é de que essa recusa em resignar-se (representada pelo comparecimento às reuniões da Nação, independentemente das dificuldades) resultaria (não fosse outros fatores cuja discussão foge ao escopo deste trabalho) num aumento ininterrupto do número de pessoas presentes nessas reuniões e, conseqüentemente, ao alcance dos inúmeros pedidos (de participação em campanhas, de sacrifícios, de ofertas, etc.) que reiteradamente se fazem nessas reuniões.

2ª razão: superação da desconfiança

Mas na fala de Carlos (e do entrevistador) surge também a questão da aversão/desconfiança relativamente à igreja Universal e suas práticas, subentendida, por exemplo, na declaração “e eu **nunca** imaginei que eu ia pisar na >igreja universal<” (linha 17). Essa indisposição de Carlos – sugerida pela intensificação fonológica empregada na pronúncia da palavra *nunca* (linha 17) e pela tríplice negativa ao convite feito por sua esposa: e ela falou “vamo lá” e eu >falei eu< “não,não,não” (linha 20) – é possivelmente compartilhada por boa parte do terceiro nível de sua audiência (o telespectador do programa) em relação a muitas igrejas presentes na mídia televisiva (a maioria delas alinhada ao sistema de coerência da TP); além disso, é certamente um estado que os testemunhos da TP buscam contornar.

Assim sendo, a descrição do processo de superação desse

ceticismo/desconfiança (linhas 21-24) na narrativa de Carlos Henrique, a recorrência desse tema nas narrativas dos que se afiliam à TP (linhas 9-13 do excerto 2, por exemplo) e também nas prédicas dos pastores nos templos e nos programas de TV¹⁷ não constituem mera coincidência, mas sim pistas que devem ser interpretadas por alguém interessado em entender de que modos a linguagem pode realizar/construir realidades/coisas no mundo social. A recorrência desse tema nas narrativas exerce um trabalho fundamental para a ampliação e sobrevivência do sistema da TP, qual seja, o de atuar no sentido de tentar quebrar resistências ou “desarmar” os interlocutores do segundo e terceiro níveis de audiência relativamente aos eventos que foram e serão reportados nas narrativas do evangelho da prosperidade; em última instância, sua função seria a de criar condições favoráveis (ou diminuir as contrárias) para que as causas fornecidas pelo narrador das histórias sejam tomadas como suficientes ou aceitáveis; em outras palavras, supram a demanda social por coerência, mesmo considerando as bases culturais completamente diversas de sua audiência.

Aliás, durante a análise, é importante ter sempre em mente que a audiência do terceiro nível de interlocução é quantitativamente imensurável, quando se considera que “as salas de estar que recebem a transmissão tornam-se espaços paralelos de alguma maneira englobados pela situação comunicativa” (BASTOS & BIAR, 2009, p.15) e que a interação pode acontecer ao vivo, no dia exibição, ou ainda muito tempo depois, através de diferentes formas de registro do programa” (idem).

Mas para além do que foi dito, acreditamos que ao citar seu comparecimento a um culto da Universal, ainda que “meio reticente” (linha 22), Carlos Henrique também está tanto sugerindo a suas audiências uma segunda causa para a recuperação de seu imóvel quanto estabelecendo um importantíssimo referencial temporal para sua história de vida, uma vez que marcações de evento (tais como “desde que tive meu filho”, “desde que vim trabalhar na empresa X”) “servem não somente para localizar um evento no tempo cronológico mas também para indicar as características do tempo que são relevantes para as declarações que

¹⁷ “Não basta você dizer que uma coisa é ruim ou boa se você não provar primeiro, não adianta você achar que é tudo mentira se você não provou. Esteja conosco nesta segunda-feira (...) aí sim, estando aqui, você vai poder dizer se é mentira ou verdade o que você provou, tá certo?” (Fala do pastor-apresentador do programa exibido em 20/04/15).

estão sendo feitas” (LINDE, 1993, p.56).

3ª razão: “Engajamento à Nação”

Na narrativa em tela, a seção de resolução – “parte que aponta para o resultado das ações complicadoras” (FABRÍCIO e BASTOS, 2009, p.43) – está bem delimitada (linhas 25-29), ao contrário das demais, que se encontram intercaladas ao longo da narrativa. Considerando o que foi dito anteriormente, sobre a expectativa da audiência sobre o desenrolar dos fatos, e cientes de que é para esta seção que convergem todos os eventos anteriores, torna-se indispensável a compreensão do motivo do aparecimento, aqui, de algumas marcas de performatividade narrativa, mais do que em outras seções da história.

Assim como Ricoeur (apud MISHLER, 2002) cremos que o momento de virada desses testemunhos é que determina o processo de construção de seu enredo. Para o pesquisador:

“Temos de saber como uma história termina para só então podermos entender como os eventos anteriores na sequência funcionam como começos e meios. Além disso, antes de tal avaliação, não podemos determinar quais eventos pertencem à sequência e quais não pertencem, sem antes termos definido o final. (apud MISHLER, 2002, p.103).

Posto isto, e sob o entendimento de que podemos criar conflito e suspense onde não havia nada (DOCTOROW, apud MISHLER, 2002), é possível que a estrutura “>daquele momento ali¹⁸<” (linha 25) seja um referencial (momento inicial) das ações resolutivas que se sucedem em virtude apenas de uma percepção pessoal do narrador. Independentemente disso, é nesse momento que Carlos fornece a terceira razão que, a meu ver, será fundamental para o estabelecimento de coerência na história, uma vez que a ordem dos fatos numa narrativa é a base para os dois principais princípios de coerência nas histórias de vida: causalidade e continuidade (LINDE, 1993, p. 127).

Interessante perceber que, como mencionado há pouco, aqui a agência de Carlos torna-se evidente, uma vez que no trecho >daquele momento ali< eu consegui reverter a situação, tirei, o imóvel, do leilão de iptu, fui equacionando as dívidas (linhas 25-27) Carlos demonstra algum grau de

¹⁸ O advérbio ali aponta para o instante em que Carlos respondeu positivamente à chamada do bispo Macedo.

controle sobre seu próprio comportamento; também porque suas ações afetam tanto a outros quanto a si próprio; e finalmente devido ao fato de estarem suas ações sujeitas à avaliação (em termos de responsabilidade por um dado resultado) (DURANTI; apud PEREIRA & CORTEZ, 2013).

Esses três aspectos, que salientam o caráter agentivo das ações do narrador, manifestam-se na dimensão da codificação, pelo uso do pronome reto – eu consegui reverter a situação (linha 25) – e dos verbos na primeira pessoa – tirei, o imóvel, do leilão de iptu, fui equacionando as dívidas (linha 26). Essa alteração da *performance* do narrador talvez causasse estranhamento na audiência, se considerarmos que a “continuidade temporal – ou continuidade do *self* ao longo do tempo – é a forma mais básica de coerência que nós podemos criar” (LINDE, 1993, p.107); contudo, uma vez que ela só se manifesta após Carlos atender ao chamado do bispo Macedo – aí ele fez a chamada pra nação (linha 23); e logo depois – f::: comecei a fazer (linha 24) –, essas mesmas audiências são levadas a considerar essa mudança de postura como aceitável, posto que a ordenação cronológica dos fatos em uma narrativa (...) acaba por estabelecer elos de causalidade entre os mesmos (idem).

Cabe aqui esclarecer que, embora tenha tomado a “inconformação” (metáfora para um maior engajamento dos adeptos com as práticas da TP) como um elemento provedor de causalidade adequada para os eventos narrados por Carlos, é o engajamento aos pressupostos da TP (representados na história de Carlos pela superação da desconfiança e pelo arranjo temporal – 2ª e 3ª razões, respectivamente), que tornará plausível as vitórias financeiras excepcionais que caracterizam os testemunhos da TP.

Posto isso, admite-se que esse segmento do testemunho de Carlos Henrique torna compreensível o desvio do comum observado na evidente transformação de *self* do narrador; também ilustra por que meio alguns fatos passados (engajamento ao sistema de coerência da TP da “Nação”) tornam-se relevantes para a compreensão do presente (isto é, o êxito na resolução dos problemas de dívida do apartamento).

“Impossível, aos olhos do homem”

A perspectiva de Carlos sobre esse evento (a recuperação de um imóvel que havia ido a leilão) aparece numa seção denominada por Labov (1972) de avaliação – ou seja, impossível, aos olhos do homem (linha 30) – e – >então<, aos olhos- era impossível (linha 34). Para embasá-las, Carlos recorre tanto a uma crença do sistema de coerência chamado senso comum¹⁹: “>porque todo mundo sabe< (...) imóvel em leilão, ninguém faz acordo,” (linha 31 e 32), quanto a um argumento de autoridade²⁰: “eu sou advogado,” (linha 31). Ora, quando o próprio narrador julga IMpossível a ocorrência de um evento, claro está que até mesmo para ele o elo de causalidade entre os acontecimentos não está bem construído. Nesse caso, a fim de não tornar o narrador passível de correção por parte de sua audiência, é preciso considerar o resgate do imóvel dentro do contexto de sua fala, uma vez que “o tipo de atividade (...) restringe as interpretações, canalizando as inferências de forma a ressaltar ou tornar relevantes certos aspectos do conhecimento prévio (...)” (Gumperz, 2013 [1982], p.152). Em outras palavras, a coerência nesse segmento da narrativa é restabelecida quando se o interpreta sob o prisma dos efeitos da organização temporal de que tratada acima, ou seja, de que isto somente ocorreu após sua afiliação à Nação.

“O homem que nunca se imaginou na Igreja Universal...”

O tipo de indagação realizada na retomada de turno do pastor – o homem que nunca se imaginou na igreja universal, na igreja universal >a vida dele **mudou**<, não é isso? (linhas 35 e 36) – exerce o papel de ponto da história, ao mesmo tempo que serve para elicitar uma declaração cujo conteúdo minimize o mesmo estado intencional de desconfiança/ceticismo (sobre o que já se discorreu antes) das audiências dos últimos níveis de interlocução; neste caso, especificamente o relacionado à Igreja Universal. A avaliação de classificar essa

¹⁹ Enquanto tenta passar uma ideia meramente de que está descrevendo o jeito como as coisas são, a noção de senso comum, na verdade, representa uma tentativa normativa de sugerir como as coisas deveriam ser (LINDE, 1993).

²⁰ Embora pareça consistente, este argumento revela uma debilidade proveniente do fato de não sabermos que tipo de advogado é (praticante?, local de atuação, tempo de formação, Faculdade de origem, etc.). Diferentemente de Carlos, talvez haja advogados que considerem o ocorrido até mesmo algo bastante comum.

fala como o ponto da história, ou a sua razão de ser, decorre das marcações prosódicas que incidem sobre algumas das palavras do pastor.

Associando-se a pergunta do pastor à resposta de Carlos –com certeza=pastor (linha 37) –, tem-se um bom exemplo de coconstrução de realidades e subjetividades, e de como entrevistador e entrevistado podem participar ativamente para a produção de sentidos nesse que é um dos eventos linguísticos mais típicos desses sistemas culturais.

O curioso paradoxo criado pelo pastor e confirmado pelo entrevistado não seria ainda o ápice da função apelativa que, num nível macro, exerce um testemunho alinhado à TP: o de buscar mais adeptos junto ao público ao alcance de seus discursos, mesmo àqueles que, conforme visto, jamais imaginaram de seus pressupostos compartilhar.

4ª razão: “Sacrifício

Por fim, o conteúdo simbólico contido na coda da narrativa (“orações encontradas no fim das histórias, consistindo numa das várias formas disponibilizadas ao narrador para sinalizar que a narrativa terminou”)²¹ (LABOV, 1972, p.165) – “aqui eu aprendi um tripé, fé, obediência e sacrifício” (linhas 37 e 38) – contém ‘presumidos’ que dariam material o bastante para a redação de ao menos mais um capítulo desta dissertação. Porém, sendo esta uma pesquisa de cunho qualitativo, há aqui questões do mundo social cotidiano (fé e obediência) que escapam aquilo que me foi (ou é) possível observar, experienciar e registrar durante a pesquisa. Assim, passo a discorrer a partir de agora acerca de somente um dos pilares mencionados por Carlos Henrique, o sacrifício, prática bastante difundida e conhecida em grande parte dessas igrejas e cuja compreensão torna-se de fundamental importância para o entendimento do sistema de coerência da TP.

Sacrifício é uma palavra bastante familiar não só a cristãos neopentecostais mas também à comunidade evangélica em geral; remete a uma prática do Antigo Testamento, mas que foi ressignificada dentro do sistema de interpretação da TP, onde assume um valor “contíguo” mas não idêntico ao que

²¹ “Codas também podem conter observações gerais ou mostrar o efeito dos eventos sobre o narrador” (LABOV, 1972, p.365;” (Labov, 1972).

possui nas inúmeras vezes em que é utilizada no Antigo Testamento.

A propósito, a retomada de simbologia judaica e do Antigo Testamento por parte dos neopentecostais tem sido chamada por alguns estudiosos de rejeudaização²². Além do termo 'sacrifício' encontrei, durante minhas incursões às igrejas, diversos outros elementos simbólicos da cultura judaica, tais como réplicas da arca da aliança²³, de menorás²⁴ e até uma pequena mezuzá²⁵ pendurada ao cordão do oficial de uma igreja. Muitos desses símbolos apropriados do judaísmo foram ressignificados pelos neopentecostais em seus usos atuais; outros, como o uso de quipás e talits (indumentárias) nos cultos e o célebre Templo de Salomão²⁶, em São Paulo, talvez atuem de modo auxiliar no sentido de criar um ambiente que transporte o fiel para os tempos em que sacrifícios ainda eram operantes. Nessa época, eles “eram oferecidos com o objetivo de alcançar comunhão com Deus e remover todos os obstáculos que impediam essa comunhão” (PEARLMAN, 2009 [1970], p.191). Assim sendo, se um hebreu transgredisse a lei mosaica (pecasse), deveria oferecer um sacrifício, de tal forma que os efeitos dessa transgressão fossem anulados, evitando assim a manifestação da ira divina.

Nas reuniões das igrejas neopentecostais, a palavra sacrifício é plurissignificativa. Além de remeter à noção de um ato necessário à reconciliação com Deus, aponta também para o sentido que a palavra tem de renúncia, de abnegação, de privação. Num determinado culto, no momento de ofertório, por exemplo, o solicitante instou aos fiéis a que realizassem um sacrifício de sangue e suor, deixando o dobro de seu dízimo sobre o altar “em forma de moedas e notas”. Tal forma de sacrifício se justificaria pela equiparação do dinheiro doado ao sangue e suor despendidos a fim de o receber.

²² Termo cunhado por Israel Belo de Azevedo para designar o retorno a práticas e costumes judaicos de diversos segmentos evangélicos. (ARAÚJO, 2013, p.260)

²³ Objeto em que as tábuas dos Dez mandamentos e outros objetos sagrados teriam sido guardadas, como também veículo de comunicação entre Deus e seu povo escolhido (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arca_da_Alian%C3%A7a).

²⁴ Candelabro de sete braços e um dos principais e mais difundidos símbolos do Judaísmo (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Menor%C3%A1>).

²⁵ Pequeno rolo de pergaminho que contém as duas passagens da **Torá** que ordenam este mandamento, "Shemá" e "Vehaiá". A mezuzá deve ser afixado no umbral direito de cada dependência do lar, sinagoga ou estabelecimento judaico como lembrança do criador (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mezuz%C3%A1>).

²⁶ Maior espaço religioso do país em área construída, quatro vezes maior do que o Santuário Nacional de Aparecida

Mas certamente um dos momentos mais representativos de manifestação da ideologia do sacrifício é a reunião da fogueira santa, em que estive presente uma vez. O excerto abaixo²⁷, retirado do *site* da igreja que o promove, é bastante esclarecedor quanto aos seus propósitos:

O que é a Fogueira Santa?

O propósito de fé da Igreja Universal do Reino de Deus tem como objetivo a transformação de vida de todas as pessoas que se propõem a participar. Não se trata de uma mudança ou uma melhora, apenas, mas uma transformação radical em todos os sentidos. Isso porque a pessoa pode chegar aonde jamais imaginou e alcançar a tão esperada realização dos sonhos por meio da fé, determinação e sacrifício. É com essa intenção que a Fogueira Santa existe, e pelo menos duas vezes ao ano é a oportunidade que o participante tem de praticar a sua fé. Durante o período da campanha, os participantes do propósito materializam a fé, aplicando toda a força em **oferecer a Deus um excelente sacrifício**, tanto físico como espiritual, **para que, da mesma forma, haja a materialização das promessas divinas na vida deles.**

O que é o sacrifício?

O sacrifício inclui o ato de renunciar voluntariamente a alguma coisa em troca de outra muito mais valiosa. É neste propósito que a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) realiza a Fogueira Santa. Na fé e no sacrifício, pessoas no mundo inteiro, através deste propósito, já comprovaram que o impossível pode tornar-se possível. Além do “**sacrifício econômico**”, **o desejo de alcançar o milagre faz muitos cristãos** se dedicarem a propósitos de fé individuais, como jejuns e orações nas madrugadas. Deus tem chamado pessoas cansadas de sofrer que demonstrem toda a sua determinação e vontade de mudança por meio da fé. Se dentro de você há um cansaço por viver com sucessivas derrotas, sabendo que existe um Deus tão grande e poderoso capaz de mudá-la por completo, dê um basta nessa situação frustrante e junte-se a tantos outros que já decidiram pela transformação de vida.

De acordo com o que pude apreender nesta pesquisa, não há limite para uma oferta de sacrifício: pode-se sacrificar o automóvel, um bem imóvel ou uma quantidade em dinheiro que o fiel desejar, a depender do pedido do pastor, da fé do crente e, acrescento, da grandiosidade daquilo que deseja receber (em troca).

O sacrifício, portanto, aparece aqui (juntamente com a fé e a obediência) como a causalidade fulcral da saída de Carlos Henrique da condição “delicada” em que chegou à Nação. Tal é a interpretação que o protagonista sugere à platéia ao designar, metaforicamente, a prática do sacrifício como um dos tripés (suporte) das mudanças efetuadas em sua vida, materializadas por eventos como o equacionamento de dívidas, realização de acordo e resgate de um imóvel em

²⁷ Grifos meus.

leilão.

Certo de que o tripé aprendido na Nação o levará a conquistas ainda maiores, Carlos exprime essa expectativa com o uso de um jargão bastante recorrente entre os membros da nação: >se prepara que dois mil e quinze vai arrebentar< (linha 39), A essa declaração o pastor responde com outra expressão nativa: “amém. hh tá ligado” (linha 40).

Essa pequena troca de turno ratifica minha percepção de que as entrevistas, para além de serem discursos coconstruídos, onde entrevistados e entrevistadores compartilham e negociam significados, são também um *locus* especial para se acessar subjetividades, contextos sociais e crenças (GUBRIUM & HOLSTEIN, 2003).

5.3.

“Eu era empregado, agora eu sou patrão”

Os dados presentes nesta segunda seção de análise consistem na transcrição do testemunho intitulado “De empregado a patrão”, de Ednaldo Soares de Oliveira, ocorrido na Sede Nacional da Comunidade Cristã Paz e Vida, no bairro de Santana, em São Paulo²⁸. A Paz e Vida foi fundada em 1982 por Juanribe Pagliarin, atual líder da igreja e ex-membro da Igreja do Evangelho Quadrangular (da segunda onda do pentecostalismo brasileiro); Juanribe era publicitário quando decidiu iniciar a igreja, e durante os primeiros anos após a fundação dividiu-se entre o ministério pastoral e sua atividade secular; anos depois deixou todas as atividades para dedicar-se totalmente à igreja. É considerado um líder carismático²⁹, cujas pregações em forma de parábolas se tornaram bastante conhecidas no seio da comunidade evangélica brasileira. Ao longo de nossa pesquisa, visitamos inúmeras vezes a Sede Regional da Comunidade Cristã Paz e Vida no Rio de Janeiro; fundamentado nas observações e registros realizados durante (e após) nosso trabalho de campo, durante o qual passamos várias horas presenciando e participando de cultos ali celebrados, ficou-nos a certeza de que a

²⁸ Informações contidas nas legendas que aparecem na parte inferior da tela durante a exibição do testemunho.

²⁹ Ter um líder carismático é uma das condições para que qualquer igreja com uma interpretação nova da Bíblia se expanda (cf. PIERATT, 1993, Não paginado).

Paz e Vida é uma das igrejas evangélicas em que o sistema de coerência da TP se manifesta de forma mais incontestável.

Assim como na IURD, o momento da subida do pastor ao púlpito dava-se em meio a aplausos dos fiéis presentes à reunião; tal fato poderia ser justificado pela razão de, nessas igrejas, ser comum que ecludam aplausos da plateia após um cântico ser entoado; contudo, pareceu-nos evidente que a subida do sacerdote (pastor ou bispo) ao púlpito antes do fim dos aplausos (elicitados pela última canção) era intencional. Tal situação invariavelmente provocava a extensão dos aplausos, que então aconteciam por ocasião da chegada do mesmo assim como ocorre quando se celebra com palmas uma celebridade bastante aguardada ao adentrar num recinto.

Também na Paz e Vida, assim como na IURD, a menção da palavra diabo³⁰ ou equivalente ocorre com bastante frequência; o sacrifício (sobre o qual discorremos na seção anterior) seria uma das formas de impedir que o adepto da TP tenha as “portas fechadas” pelo diabo; este, neste sistema de crença, era sempre o principal responsável por toda miséria e dificuldade financeira, por exemplo, que qualquer circunstante ao culto pudesse estar vivenciando. De modo contrário, nessas igrejas o ato de ofertar asseguraria bênçãos que não se limitariam ao âmbito financeiro, mas se estenderiam também à saúde e à vida sentimental do fiel.

Para isso, durante as orações (nas quais é bastante comum haver certa alteração no timbre e volume de voz do locutor) os percalços são personificados e ordenados a retirarem-se da vida dos crentes; é nesse momento (nomeado por mim de oração catarse) que aqueles que acorrem a tais cultos de busca da prosperidade exclamam, em uníssono, três vezes, de forma enfática (mesmo aos berros) e prolongada a palavra “sai”.

Uma peculiaridade da Paz e Vida é que lá não há um dia exclusivo da semana para a busca da prosperidade financeira, embora possa haver, ocasionalmente, uma reunião em que esse tema seja priorizado³¹. Também os

³⁰ Atentando para os dados gerados para esta pesquisa pode-se observar que o Diabo — figura central em igrejas neopentecostais e a que frequentemente se faz menção nos cultos a que frequentamos durante nossa pesquisa etnográfica — quase não aparece nos testemunhos de vitória financeira veiculados pelas igrejas por meios virtuais.

³¹ Na página oficial da igreja se anunciava o culto “No lugar da vergonha, Deus te dará dupla honra”, a ser realizada no dia 29 de fevereiro na igreja sede de Mogi das Cruzes. No anúncio

cânticos entoados durante os cultos na Comunidade Paz e Vida são conhecidos de boa parte dos frequentadores de outras denominações evangélicas, ao passo que a maioria das músicas ouvidas nas reuniões da IURD por exemplo – outra denominação de caráter marcadamente neopentecostal – só são conhecidos por lá. É por isso que qualquer que adentre num templo da Paz e Vida dificilmente se esquecerá de que o evento que está presenciando (tome parte dele ou não) insere-se no enquadre de culto religioso; o mesmo não pode ser dito, talvez, a quem esteja presente numa das reuniões da AREPE³² (da Igreja Renascer) ou do Congresso empresarial da Nação dos 318 (da IURD).

5.3.1.

Contextualização

O testemunho analisado nesta seção foi publicado em dez de fevereiro de dois mil e catorze na conta da Paz e Vida na plataforma de vídeos online Youtube, através da qual se podem assistir vários testemunhos e pregações (gravadas nessas igrejas) e a partir de onde baixamos o vídeo, após assistir a inúmeros outros testemunhos vinculados ao tema. Assim como na seção anterior, temos aqui uma situação de entrevista, interação que se dá também nos três níveis mencionados no início deste capítulo – guardadas as devidas proporções, posto que um vídeo disponível na internet não tem o mesmo poder de penetração nos lares característico dos programas difundidos pela mídia televisiva.

No primeiro nível a interação se dá entre o pastor da igreja local e um comerciante que já adotava uma prática típica da TP (a das parcerias, sobre que se discorrerá nesta seção) antes mesmo de pertencer a essa igreja. O motivo de estar ali é o de comunicar algo reportável cuja agência seja atribuída a Jesus: “o que que o senhor jesus tem feito em sua vida que vale a pena contar?” (linhas 4-5); o testemunho teria como finalidade então exaltar, diante dos interlocutores, a Jesus, que na concepção do narrador é o responsável pela realização dos eventos que irá narrar. Uma segunda função do testemunho seria a de propagar a eficácia da TP em algum aspecto da vida dos que se alinham a ela.

constava a observação “com a unção da prosperidade”.

³² Associação Renascer dos empresários e profissionais evangélicos.

Embora a interação se dê em tom amigável, Ednaldo emite sinais, em alguns momentos, de certo nervosismo ou ansiedade, talvez pela presença do público integrante do segundo nível de interlocução no auditório. O narrador faz uso, em alguns momentos, de elementos de variedades não-padrão da língua, embora prevaleça o registro formal ao longo da entrevista. Tal fato parece não ameaçar sua face, nem tampouco comprometer a credibilidade de seu testemunho, assistido por uma plateia formada eminentemente de pessoas das classes populares, público que predominava também na sede estadual aqui do Rio, conforme pude perceber durante as visitas realizadas durante minha pesquisa.

A interação do primeiro nível se dá face a face e o testemunho de Ednaldo certamente não foi o único da ocasião pois é comum, nessas igrejas, que vários testemunhos sejam dados num determinado momento do culto, geralmente antes ou durante o momento do ofertório; daí o som de palmas que se ouve logo no início da exibição do vídeo, as quais se referem ainda a algum testemunho dado antes do que analiso neste trabalho. É por isso que, na cena inicial, o entrevistado também aplaude enquanto caminha em direção ao pastor.

Por fim, assim como o testemunho analisado na seção anterior, pastor e entrevistador compartilham da mesma rede de crenças da TP, estando o entrevistado ciente de que sua narrativa tem o importante papel de corroborar as crenças da TP. Contudo, o gênero pelo qual seu discurso se manifestará não é uma narrativa canônica em termos labovianos; antes, é através daquilo que Georgakopoulou (2015) chama de pequenas histórias que Ednaldo cumprirá seu papel na interação, ou seja, o de alimentar e perpetuar mais uma das práticas fundamentais do evangelho da prosperidade, a saber, o da realização das campanhas.

5.3.2.

O testemunho

O excerto abaixo refere-se à transcrição da narrativa de Ednaldo Soares, que, não obstante se apresente em forma de pequenas histórias (GEORGAKOPOULOU, 2015) de curta duração, contém nas suas linhas alguns

dos pressupostos mais característicos da TP.

Excerto 4 - de empregado a patrão:

Com som de palmas ao fundo, ednaldo (também aplaudindo) se aproxima do pastor

01 pastor DEIXA EU FALAR AQUI COM ESTE MOÇO. qual o seu nome completo?

02 ednaldo é ednaldo soares de oliveira.

03 pastor >ednaldo<, você está fazendo, a campanha dos heróis da superação;

04 .h e o que que o senhor jesus tem feito em sua vida

05 que vale a pena contar?

06 ednaldo .h é:: eu tive um:: uma grande superação financeira agora no mês

07 de janeiro; .h é:: >que eu quero dividir aqui com os irmãos<

08 E:: também ua-uma:: .h é::, >digamos assim<, uma libertação do::

09 remédio da pressão, que eu tomei durante sete anos .h, e fazem

10 exatamente trinta dias hoje que eu não tomo remédio da pressão

11 .h e a minha pressão tá normalizada. >exatamente<, doze por oito.
(faz sinal de ok(?) com uma das mãos)

12 pastor e como era a sua pressão antes?

13 ednaldo .h era catorze por nove, quinze por nove .h e::,
(balança as mãos de um lado a outro)

14 e eu tomava remédio há sete anos, pra pressão;

15 .h e faz trinta dias que eu não tomo remédio,

16 >inclusive essa semana eu fui num cardiologista<

17 .h é::ele:: me pediu uma série de exames mas sh:, já falou

18 "não precisa tomar o remédio, .h até que se conclui os exames"

19 >mas eu-<, eu já determinei por mim, que jesus já me libertou
(estende a mão direita aberta para o alto)

20 pastor tem trinta dias que você não toma remédio

21 sua pressão tá doze por oito.

22 .h ednaldo, ce falou também que teve uma superação financeira.

23 como foi essa superação?

24 ednaldo .h é assim, pastor, eu tenho um comércio aqui na região do brás,

25 >exatamente< na rua miller e:: a minhas vendas esse mês

26 de janeiro .h é:: forum, assim, quase quatrocentos por cento

27 a mais do que janeiro de dois mil e treze. (1,3)

28 pastor que superação! ((semblante de admiração) então se você (2,3)

29 colocar janeiro de dois mil e treze, com janeiro de dois mil e

30 catorze .h você teve um superávit, então?

31 ednaldo .h um supersuperávit né,

32 mais de, trezentos e cinquenta por cento de:: de superávit .h

33 pastor milagre da superação, vamos aplaudir ao senhor jesus?
(começam aplausos)

34 EDNALDO, QUEM FEZ ESTE MILAGRE EM SUA VIDA?

35 ednaldo foi, jesus cristo. eu quero só, pedir, fazer um apelo pro::

36 pros irmãos (levanta a palma da mão para a plateia),

37 é:: seja pregador do telhado, seja dizimista,

compreender crenças, experiências, sentimentos e intenções” (MISHLER, 1986, p.7; apud ROLLEMBERG, 2013, p.44). Fundamentado nisso é que realizo a análise imediatamente a seguir, em que busco lançar luz sobre o motivo pelo qual o pastor faz menção ao fato do entrevistado estar “fazendo uma campanha”.

Para nós, a notícia em foco tem o efeito de circunscrever as interpretações sobre as histórias que serão desencadeadas a partir daquele momento, interpretações para cuja realização é imprescindível que a história seja tomada, pela audiência, como coerente. Ora, se considerarmos (i) as restrições impostas pelo cenário, pela situação social e pelo evento; (ii) que “a finalidade de cada história dependerá do contexto interacional e das negociações entre entrevistadores e entrevistados” (DIAS, 2011, p.30); (iii) que os propósitos dos entrevistados atrelam-se a relações de pertencimento e não pertencimento a determinados grupos sociais (idem), a história a ser desencadeada necessariamente deverá conter como tópico principal uma “bênção” ou “vitória financeira” que, por seu turno, apresentará como alegação (causalidade) o engajamento do narrador em uma ou mais práticas próprias das igrejas alinhadas à TP.

No caso, quando o entrevistador “sai na frente”, fornecendo uma informação que poderia perfeitamente ter sido dada pelo entrevistado, ele já está manejando uma causalidade que eventualmente possa ser tomada como inadequada pela audiência.

Em outras palavras, ele cria coerência para a excepcional superação que Ednaldo vai relatar, usando uma espécie de *account*, tomado aqui como “um trabalho de construção de sentidos através do qual os participantes engajam em explicar, atribuir, justificar, descrever e encontrar possíveis sentidos e ordenações nos vários eventos, pessoas, lugares e cursos de ações sobre os quais falam” (BAKER, 2001; apud DIAS, 2011, p. 28).

Num nível pragmático, diríamos que o entrevistador – animador do discurso de um sistema de coerência ao qual sua igreja se afilia – praticamente sugere a sua plateia que para se alcançar vitórias semelhantes às que serão narradas, será necessário o engajamento numa campanha, à semelhança do que fez Ednaldo. As campanhas são o segundo pretexto adequado de causalidade (para os

tipos de narrativa aqui pesquisadas) sobre os quais me debruço neste trabalho.

As campanhas

Uma das definições de campanha pode ser: “grande esforço para obter um fim.” No contexto, pode ser entendida como uma série de ações às quais o fiel é convocado a se engajar durante um determinado período de tempo, com o objetivo de que Deus lhe atenda um pedido. Esses eventos são bastante comuns nas igrejas históricas e nas do período do pentecostalismo clássico.

Durante uma campanha de oração pela família, por exemplo, tanto as orações como as mensagens dos cultos realizados nesse ínterim terão como tema principal a família. Os objetivos de uma campanha podem variar bastante; porém, em todas elas o crente se engajará com o objetivo de receber algo: um emprego, uma cura, uma conversão de familiar ou qualquer outra coisa que não contrarie uma crença básica do conjunto de pressupostos que forma a religião protestante.

Quando uma pessoa adere a uma campanha, isso significa se comprometer a comparecer ao culto, num dia específico da semana, ao longo de um determinado número de semanas; no caso de quebra da campanha – deixar de comparecer ao culto em alguma semana – algumas igrejas recomendam que se volte ao início da mesma, até que se complete o número de semanas inicialmente proposto.

Uma das particularidades das campanhas nas igrejas neopentecostais é o uso de objetos simbólicos que atuarão, conforme ensinamento dos líderes dessas igrejas, como instrumentos intermediários, isto é, veículos que sirvam de elo entre o crente e a bênção que almeja; podem ser representados por rosas, bíblia, pão³³, etc. Outra novidade introduzida por essas igrejas foi a de dar nomes específicos para as campanhas (“Jornada Feliz”, “Vida Abundante – o exagero de Deus”, “Pesca maravilhosa” e “Unção financeira”, por exemplo).

A campanha “Heróis da superação” (ver figura 3), mencionada na interação sob análise, tinha como objetivo, segundo informativo da própria igreja, ensinar ao participante “as estratégias de homens e mulheres de Deus que superaram a adversidade e conquistaram a vitória”; nele também se lê que durante

³³ O pão, por exemplo, tinha de ser “ungido” pela oração do pastor na igreja e deveria ser esfarelado e misturado a alguma refeição da pessoa que fosse o alvo da oração.

as doze semanas da campanha as ministrações seriam baseadas em 12 personagens bíblicos que “antes eram fracos e depois se tornaram fortes. *Eram pobres e se tornaram ricos*³⁴. Eram os menores e se tornaram os maiores.”

O discurso contido nesse texto é bastante representativo quanto aos objetivos da maioria das campanhas das igrejas neopentecostais. Uma vez que “o descanso sobre a posse e o gozo da riqueza com sua consequência de ócio e prazer carnal” (WEBER, 2004 [1920], p.143) já não atormentam mais a consciência do adepto dessa interpretação do protestantismo, e posto que tais eventos prometem coisas que vão ao encontro de algumas das mais profundas esperanças culturais e pessoais do homem ocidental – saúde e riqueza (PIERATT, 1993, p.13) –, essas campanhas acabam por exercer um considerável poder de atração sobre boa parcela de toda a sociedade, principalmente por serem realizadas por um período de tempo pré-determinado, fator que pode gerar sensação de certeza e celeridade na obtenção da vitória financeira almejada.

Deixando para mais adiante outras reflexões sobre as campanhas, voltamos agora para a primeira pergunta do entrevistador, logo a seguir à declaração que deu margem a nossa digressão. Se a declaração inicial circunscreve as interpretações do que se dirá, essa interrogação também tem o poder de delimitar não só o tópico, mas também a forma que assumirá o testemunho de Ednaldo; a narrativa que emergirá deverá tratar não só de eventos em andamento, os *ongoing events* (GEORGAKOPOULOU, 2015), – o que que o senhor jesus tem feito em sua vida (linha 4) – mas também ser reportável (LABOV, 1972): “que vale a pena contar?” (linha 5).

Interessante notar que a resposta de Ednaldo – eu tive um:: uma grande superação financeira (linha 6) – começa fazendo uso do próprio nome da campanha – *superação* – para designar sua experiência na área financeira. A opção de Ednaldo pela seleção desse vocábulo tem, junto à audiência, o efeito de endossar o enquadramento realizado pelo pastor no que tange às interpretações possíveis quanto aos eventos sobre os quais irá discorrer, garantindo assim a coesão de seu discurso com o do pastor, conforme discutido acima.

³⁴ Grifo meu.

Figura 3: Imagem de divulgação da campanha heróis da superação.



A narrativa que se segue, diferentemente da que analisamos na seção anterior, elicitada pelo pastor da Universal, não aparece na forma canônica (em termos labovianos), mas na de uma “pequena história” (GEORGAKOPOULOU, 2015). Assim se classifica a forma pela qual seu discurso se manifesta, uma vez que se pode enquadrá-los, primeiramente, no que Georgakopoulou (2007) chamou de “breaking news”, isto é, “notícias fresquinhas” – agora no mês de janeiro† (linhas 6 e 7). Além disso, configura-se como uma história cuja narração é postergada – >que eu quero dividir aqui com os irmãos†< (linha 7), sendo um exemplo típico de uma “narrativização em processo” (DIAS, 2011, p.34).

“Eu já determinei por mim”

Antes de falar sobre sua superação financeira numa história que se desenrolará de forma não-linear, Ednaldo comenta sobre uma outra superação, esta relacionada à sua condição física – e:: também ua-uma:: .h é::, >digamos assim<, uma libertação do::remédio da pressão (linhas 8 e 9). – Em situação diversa, esse evento estaria passível de ser corrigido ou questionado pela audiência (LINDE, 1993), uma vez que o protagonista não menciona a razão para tal, como mudança de hábitos alimentares ou adoção de um estilo de vida

menos sedentário.

De fato, quando reforça o longo período durante o qual tomou o remédio – sete anos (linhas 9 e 14) – e assegura sua “libertação” do mesmo (sob uma “palavra de autoridade”), ele estará apresentando a primeira sequência de eventos de sua narrativa com um problema de elo de causalidade e que portanto, necessita de algum tipo de manejo a fim de que não seja tomada por sua audiência como incoerente.

Esse problema, contudo, já foi dirimido (se não anulado) nesta narrativa; de forma interessante, diferentemente da maioria das outras histórias, nesta aqui esse problema foi solucionado antecipadamente, no momento em que o entrevistador proveu, logo no início, a informação de que Ednaldo estava fazendo a campanha “heróis da superação”.

Dessa forma, não bastasse os limites ou o pré-direcionamento que essa informação do pastor confere à interpretação narrativa, o próprio Ednaldo reforça o atrelamento da “libertação do remédio da pressão” à campanha, ao situar sua cura justamente dentro de um período em que provavelmente estava engajado na campanha³⁵ – e fazem exatamente trinta dias hoje que eu não tomo remédio da pressão .h e a minha pressão tá normalizada. >exatamente<, doze por oito (linhas 10 e 11). Como se percebe, esse segmento da interação está em completa conformidade com a concepção de que “entrevistas são eventos de fala cuja estrutura e significado são produzidos conjuntamente por entrevistadores e por entrevistados” (MISHLER, 1986; apud DIAS, p.27), ainda mais se se alegar, como me sento inclinado a fazer, que a pergunta “e como era a sua pressão antes?” (linha 12) atualiza e reforça a informação dada pelo pastor logo no início da entrevista, onde o advérbio “antes” equivaleria a “antes da campanha”; essa repetição atua, portanto, como um elemento avaliativo, servindo para que entrevistador e entrevistado comuniquem suas perspectivas da história (LABOV, 1972). De fato, a própria marcação desse vocábulo atua mais eficazmente como divisor temporal dos fatos – tendo como referencial a realização da campanha – do que como um segmento narrativo de orientação.

³⁵ O testemunho foi publicado em 10 de fevereiro de 2014 e a campanha “heróis da superação” começou no dia 15 de janeiro desse mesmo ano.

Antes de solicitar que seu interlocutor explique em que se consistiu sua superação financeira, o entrevistador, através da declaração contida nas linhas 20 e 21 (“tem trinta dias que você não toma remédio, sua pressão tá doze por oito”) põe novamente em tela o primeiro dos “feitos de Jesus” que o narrador considerou digno de ser reportado (“que vale a pena contar”). Aspecto interessante é que para a efetivação desse feito contribuíram não só o fato de ele estar realizando a campanha “heróis da superação” mas também o ato de determinar sua cura: “>mas eu-<, eu já determinei por mim, que jesus já me libertou” (linha 19).

Nessa fala de Ednaldo encontra-se a associação saúde/prosperidade, própria da TP (em inglês, “the health and wealth gospel”), segundo a qual a saúde perfeita é vista como um direito inerente ao crente. De acordo com Pieratt (1993, p.47), “a teologia da prosperidade não se cansa de repetir que nem doenças nem problemas financeiros são da vontade de Deus para o cristão, nem é necessário que este se confronte com eles durante a vida.”

Contudo, para que o direito do crente à ausência de enfermidade seja por ele usufruído, precisará adotar a prática de “determinar”, perfeitamente exemplificada pela fala de Ednaldo reproduzida acima (depois da qual ouvem-se alguns “améns” vindo da plateia). Este é um costume em vigor em várias igrejas neopentecostais, para as quais mesmo dores de cabeça e gripes devem ser rejeitadas por meio de uma palavra de comando (PIERATT, 1993); embora tenha alcançado bastante repercussão assim que chegou em terras brasileiras, tal doutrina parece hoje estar restrita a apenas algumas igrejas (dentre as mais expressivas, somente a Igreja Internacional da Graça e a IMPD parecem permanecer nessa crença)³⁶. Porém, assim como nesta pesquisa, o tópico posto em relevo na entrevista é a questão financeira, tema que o pastor recupera fazendo menção a uma fala feita por Ednaldo logo no início de seu testemunho – como foi essa superação? (linha 23). A resposta de Ednaldo a essa pergunta é dada retomando-se a pequena história já iniciada; nela, “a orientação passa a ser parte essencial do enredo, em oposição à noção de orientação da estrutura laboviana, em que a orientação é apenas mais uma das partes da estrutura da narrativa”

³⁶ Embora na interação analisada o discurso da saúde perfeita emergja, não percebemos, através de nossa pesquisa, diferentemente das igrejas citadas, que seja recorrente na Paz e Vida.

(DIAS, 2011, p.33); nela também as relações presentes entre tempo e espaço são quase sempre levadas em consideração (GEROGAKOPOULOU, 2007; apud DIAS, 2011): é assim, pastor, eu tenho um comércio aqui na região do brás, >exatamente< na rua miller (linhas 24 e 25).

Assim, na história que se segue – a minhas vendas esse mês de janeiro .h é:: foram, assim, quase quatrocentos por cento a mais do que janeiro de dois mil e treze (linhas 25 a 27) – acaba emergindo o segundo acontecimento da história que não soaria tão aceitável para a audiência tanto em função de sua excepcionalidade (se levarmos em consideração o conhecimento prévio da audiência sobre o que seria uma taxa razoável de aumento de vendas no espaço de um ano) quanto em função de não ter sido suficientemente fundamentado. Sobretudo, essa percepção leva em conta o fato de o ocorrido ter sido por duas vezes engenhosamente designado como “milagre” (linhas 33 e 34).

Claro está que assim como na situação da “libertação dos remédios”, também a fraca adequação de causalidade nesse episódio já teria sido habilmente administrada antes do início da narrativa, pela informação da participação de Ednaldo na campanha heróis da superação. Essa vinculação é habilmente indiciada pelo pastor ao comunicar sua perspectiva do fato (seção de avaliação) retomando o nome da campanha através de uma interjeição: “que superação!” (linha 28).

O fato de Ednaldo ter atribuído o “milagre” a Jesus, conforme se atesta pelas falas transcritas nas linhas 33 e 34³⁷, não anula as restrições interpretativas impostas pelo contexto, conforme discorreremos acima; portanto, o engajamento na campanha ainda deverá / será tomado pela audiência como a razão adequada ou final para o “supersuperávit” (linha 31) mencionado pelo narrador.

“Eu era empregado, agora eu sou patrão”

Aquele que parecia ser o momento de encerramento do encontro, não o é. Isto porque Ednaldo sinaliza à plateia — que neste momento está aplaudindo —, dando a entender que ainda não “deu seu recado”. É quando faz um apelo a que

³⁷ 33 pastor: EDNALDO, QUEM FEZ ESTE MILAGRE EM SUA VIDA?

34 ednaldo: foi, jesus cristo.

seus irmãos³⁸ se comprometam com práticas que envolvem algum tipo de doação financeira (ser pregador do telhado³⁹, ser dizimista, ser ofertante) e também emite uma das declarações mais representativas dos dados gerados, que ilustra muito bem o discurso triunfalista da TP.

A declaração “eu era empregado, depois, agora eu sou, patrão” (linha 40), que não desvincula ética econômica da ética religiosa será usada por ele para validar a afirmação “deus vai mudar a vida de vocês” (linha 38). Tal postura está de acordo com Sousa sobre a TP (2011, p.221), segundo quem sua vivência (dos adeptos da TP) da religião “rompe com a ética protestante presente no protestantismo histórico e até mesmo com temas comuns às religiões cristãs, como a caridade, a salvação e a rejeição dos prazeres do mundo”.

Por fim, se se considerar que na repetição desta declaração foi aposta uma expressão condicional “deus muda a vida de vocês se vocês for fiel a ele” (linhas 42 e 43) pode-se entender que a prosperidade é alcançada aqui através de uma troca com Deus. Essa interpretação não é equivocada, antes, endossada pelo próprio pastor-entrevistador, que chama a atenção para a reviravolta hierárquica da vida profissional do entrevistado – “de funcionário para patrão em quanto tempo?” (linha 44) –, conclama a plateia a aplaudir quando ouvi a resposta de Ednaldo – “em menos de:: três anos.” (linha 45) – e finalmente o parabeniza “grande testemunho. PARABÉNS, EDNALDO, PARABÉNS” (linha 46).

Antes de finalizar, cabe discorrer agora sobre um aspecto crucial na realização das campanhas: a necessidade (se não obrigatoriedade) de realização de contribuições financeiras cujos valores, em muitos casos, são informados de antemão. Durante minha pesquisa de campo, por exemplo, testemunhei solicitações de ofertas que variavam de trinta e três reais⁴⁰ (numa campanha realizada em prol da família) a dez mil reais (campanha da unção financeira⁴¹).

³⁸ Modo como um cristão evangélico costuma chamar aos que compartilham das mesmas crenças que ele.

³⁹ Tipo de parceria, o terceiro pressuposto da TP, sobre o qual vamos comentar na seção seguinte.

⁴⁰ A explicação para esse valor, dada pelo pastor da IMPD, é que ele equivale, numericamente, à idade de Cristo;

⁴¹ Campanha veiculada no Programa Vitória em Cristo, ativa durante a redação deste trabalho. <http://www.vitoriaemcristo.org/_gutenweb/_site/gw-inicial/> Acesso em 06/07/2015.

A “Campanha de oração Ebenézer”, por exemplo, foi ancorada no seguinte trecho bíblico: *“Então tomou Samuel um cordeiro de mama, e sacrificou-o inteiro em holocausto ao Senhor; e clamou Samuel ao Senhor por Israel, e o Senhor lhe deu ouvidos”*⁴².

Esse trecho bíblico nos remete ao ideário do Antigo Testamento, sobre que falamos na seção anterior e que inspiram muitas dessas campanhas; tal passagem bíblica foi usada estrategicamente para sugerir a existência de uma associação entre sacrifício e recebimento de favores divinos.

A lógica na qual essa campanha se baseava era a de que, tal como teria feito Samuel, o fiel deveria “sacrificar” um cordeiro para que alcançasse a vitória (financeira, familiar ou amorosa, por exemplo). O sacrifício do cordeiro estaria sendo realizado simbolicamente pelo fiel no momento em que colocasse no envelope o valor equivalente ao que custava um cordeiro em Israel na época da campanha, segundo eles, de trezentos a quatrocentos reais.

Somente através dessa oferta a pessoa se habilitaria a ter seu nome inscrito numa lista que seria levada pelos pastores da igreja para Israel, a fim de que lá, no mesmo lugar onde Samuel teria orado e recebido a resposta divina, também intercedessem em favor daqueles cujos nomes constavam na lista.

O efeito direto da incorporação da prática das campanhas por essas igrejas, defendo, é o de evitar o decréscimo na frequência a seus cultos e vencer a concorrência (posto que são muitos os cultos dedicados à busca da prosperidade); além disso, assim como as parcerias (sobre as quais falaremos na seção seguinte), as campanhas apresentam-se como um forma de alavancar a arrecadação das mesmas para muito além dos tradicionais dízimos e ofertas.

Tal costume acaba lhes conferindo a condição necessária para manter não só sua massiva presença nos diversos canais midiáticos mas também seus projetos de expansão nacional e internacional. São as campanhas, portanto, o segundo grande pressuposto utilizado para o estabelecimento de coerência nos testemunhos alinhados à TP.

O terceiro é o das parcerias, cuja coerência procuraremos entender a partir da análise de outro testemunho, o que o faremos a imediatamente a seguir.

⁴² (I Sm. 7:12)

5.4.

“De repente veio, inesperadamente, um quinhentos reais extra”

Os dados desta seção são as transcrições do testemunho de “vitória financeira” de Wilson Alves, gerado em formato mp4 a partir da página virtual da Associação Vitória em Cristo na internet; esta associação é a produtora e mantenedora do programa Vitória em Cristo, apresentado pelo pastor Silas Malafaia⁴³ e veiculado todos sábados pelas emissoras BAND e Rede TV! em rede nacional e por diversas TVs locais em mais dez estados da federação e Distrito Federal; além disso, é exibido diariamente pela Rede Brasil e também nos Estados Unidos, Canadá e em mais de 200 países localizados no Oriente Médio, África e na Ásia, através de uma versão dublada para o inglês.

O pastor Silas Malafaia, principal preletor dos sermões veiculados no programa, era antes crítico, mas atualmente árduo defensor do sistema de crenças da Teologia da Prosperidade⁴⁴, conforme se pode presumir por discursos ecoados ou endossados por ele em diversas ocasiões. Exemplo disso é o programa exibido em nove de maio de 2015⁴⁵, para o qual o evangelista Morris Cerullo, judeu naturalizado norte-americano, foi convidado a participar.

Autodenominado apóstolo e profeta de Deus, Cerullo é o autor da Bíblia de estudo⁴⁶ *Batalha espiritual e vitória financeira*⁴⁷ (publicada no Brasil pela editora Central Gospel, presidida por Silas Malafaia). Em mais de uma loja virtual da internet, essa Bíblia é descrita como tendo sido “projetada para levá-lo a uma nova posição de poder e vitória em todas as áreas da sua vida, embora o foco esteja em duas áreas: a batalha espiritual e a vitória financeira.”

Além disso, é informado ao eventual comprador que esta Bíblia contém: “118 artigos de Vitória Financeira”; “símbolos de Vitória Financeira, acompanhando o texto bíblico assinalado e o comentário correspondente”;

⁴³ De alguns anos pra cá, o programa também tem sido apresentado por Silas Malafaia Filho.

⁴⁴ Ao menos no que concerne à prosperidade financeira.

⁴⁵ Para efeito de ilustração dos pressupostos da Teologia da Prosperidade, trechos deste programa serão referidos ao longo desta seção.

⁴⁶ Uma Bíblia de estudo é uma edição da Bíblia com comentários (divididos por temas) que buscam facilitar e direcionar os estudos daqueles que buscam aprofundar seus conhecimentos bíblicos.

⁴⁷ Na página virtual (americana) do ministério de Morris Cerullo há uma Bíblia intitulada 'Financial Freedom Bible'.

“índices de referências sobre vitória financeira, com tópicos que remetem aos artigos com revelações e estratégias poderosas de vitória financeira”; “lista de checagem' da vitória financeira”; e “vários estudos sobre vitória financeira”.

A teofania⁴⁸ também aparece na história de vida de Morris Cerullo, assim como entra na do grande arauto da Teologia da prosperidade, Kenneth Hagin⁴⁹. No programa em questão, Morris Cerullo declara (com base em uma das últimas revelações que teria recebido de Deus) para suas audiências (do primeiro e segundo níveis de interlocução), ter chegado o tempo do fim das “falências, enfermidades e lutas”, assegurando-lhes também que a vida, a família, o ministério, as finanças e a saúde dos que estivessem crendo em sua autoridade profética nunca mais seriam as mesmas.

5.4.1.

Contextualização

Os dados analisados nesta seção foram gerados a partir de uma página virtual da internet; como explanado nas seções anteriores e no início deste capítulo, acredito que eventos veiculados por mídia eletrônica (tais como TV e internet) também se configurem como uma forma particular de encontro, pois

a própria co-presença face a face é forjada pelos recursos audiovisuais de que se dispõe, e os animadores desses discursos tendem a fazer uso ostensivo de estratégias discursivas semelhantes àquelas da conversa espontânea como forma de elaboração retórica e aproximação com as audiências (BIAR E BASTOS, 2009, p.2).

Exemplo disso é o fato do senhor Wilson Alves, narrador do testemunho em tela nesta subseção, fazer uso por várias vezes, durante a interação, da fala reportada, prática bastante comum em conversas espontâneas cotidianas ocorridas face a face. Além disso, no momento em que inicia seu testemunho, o senhor Wilson está sentado com uma das mãos repousadas sobre sua sua perna e a outra posta sobre o braço do sofá; no decorrer do mesmo, erguê-las-á algumas vezes,

⁴⁸ “Manifestação de Deus a algum lugar, indivíduo; qualquer aparição ou manifestação de Deus”. Fonte: <<http://dicionarioinformal.com.br/teofania/>>

⁴⁹ Conforme consta no capítulo de contextualização desta dissertação.

usando-as como meio auxiliar de comunicação, assim como quando os interactantes estão em presença física um do outro.

O cenário em que ele dá seu depoimento aparece rapidamente no início de sua fala; nele estão dois sofás (posicionados perpendicularmente entre si) cobertos com uma capa bege e com algumas almofadas de tons mais claros sobre os assentos; os sofás têm na sua dianteira uma mesa de centro com um jarro de flores e alguns outros objetos, e ao lado dos sofás, na lateral em que se encontram, uma mesa de canto encimada por um abajur, um pequeno jarro e três porta-retratos. Ao fundo do sofá onde Wilson está sentado sozinho há uma ampla janela de onde se veem as árvores da rua, cujo lento balançar, ao longo do depoimento, parece sincronizar-se com a música instrumental de fundo. O efeito disso, somado ao da figura idosa de um senhor de idade que conta uma história (não há troca de turnos nesse evento de fala) é a atenuação de uma eventual atitude crítica ou de incredulidade relativamente à sequência de eventos de causalidade problemática – *inesperados e inexplicáveis* – que o pastor começará a contar.

Diferentemente dos dados analisados nas seções anteriores, não temos aqui uma entrevista mas sim uma espécie de monólogo em que os interlocutores – os internautas – são todos imaginados. No ato de fala que ora passo e examinar, Wilson Alves, um senhor que aparenta ter aproximados setenta anos, grava um depoimento (que depois de editado) é publicado na página oficial da Associação Vitória em Cristo na internet.

Wilson é servidor aposentado do Ministério das Relações Exteriores e em seu depoimento informa que é pastor ordenado, mas não diz se exerce o ofício pastoral; de acordo com legenda que surge em tela no início de seu depoimento, postado em março de 2011, seria membro da Catedral Metodista do Rio de Janeiro.

Ao longo do seu testemunho, que dura quatro minutos, Wilson conta como se deu seu paulatino envolvimento com o sistema de parceria da Associação Vitória em Cristo, sociedade que ele invoca (assim como fizeram com o sacrifício e a campanha nas seções anteriores) a fim de manejar os afastamentos do canônico (cf. BRUNER, 1997), ou seja, os “inexplicáveis”, “inesperados” e sucessivos recebimento de valores em dinheiro experienciados pelo protagonista,

provendo assim um meio de compreensão ou avaliação destes eventos de causalidade insuficiente, passíveis de serem questionados por sua audiência (Cf. LINDE, 1993), a mesma que se encontra diante das telas dos equipamentos eletrônicos em que seu testemunho é exibido.

Ao mesmo tempo que cria sentidos para sua história, paralelamente o senhor Wilson também presta uma homenagem àquele que lhe teria retribuído generosamente os investimentos feitos, mesmo “com todo aperto financeiro”, em prol de seu reino: Deus. Além disso, faz um reconhecimento público do ministério do pastor Silas, descrito como “terra fértil”.

Sua fala não tem o tom audacioso que caracteriza a fala de Carlos, na seção 4.1, (“se prepara que dois mil e quinze **vai** arrebentar”) nem tampouco assume o caráter triunfalista do discurso de Ednaldo, na seção 4.2, (“eu já determinei por mim, que jesus já me libertou”) mas é entremeada de termos nativos. Inicia-se com um tom confessional (ao comentar de um ato de desobediência) e termina proclamando entusiasticamente aquilo de que, segundo ele, o Brasil realmente precisa.

5.4.2.

O Testemunho

O testemunho do excerto 5 possuía, na página da internet de onde foi baixado, o título de “vitória financeira”. Esse título lhe é dado também aqui em nossa pesquisa:

Excerto 5 - Vitória Financeira

01 fui vice-cônsul do brasil na europa, na áfrica:: e por último,
 02 no uruguai. e pela infinita graça e misericórdia do senhor fui
 03 consagrado pastor pelo espírito santo de deus.
 04 provérbios vinte e dois versículo vinte e seis vinte e sete
 05 diz que:: não fique entre fia do res se você não tem com que pagar,
 06 se não podem te tirar até a cama de debaixo de você.
 07 eu desobedeçi↑ a palavra de deus e fiquei↑ como fiador,
 08 para ajudar uma pessoa amiga, e não deu certo,
 09 e fiquei numa situação financeira muito difícil.

10 mesmo assim, >apreciando< o programa do pastor silas↓
 11 eu:: resolvi ser=cooperar, >senti de deus< e, passei a cooperar com
 12 cem reais por mês. >de repente< veio inesperadamente um
 13 quinhentos reais extra como:: e:: >de um< de outro recurso que me
 14 apareceu .h e eu não sabia o que fazer com os quinhentos reais
 15 >no dia< ((movimenta bruscamente a mão esquerda pra frente))
 16 que eu recebi, ligo a televisão, e o pastor silas malafaia apareceu
 17 apontando ((aponta pra frente com a mão direita)) pra mim dizendo,
 18 "é com você mesmo que eu quero falar, eu preciso da sua ajuda
 ((aponta erguendo levemente a mão esquerda))
 19 e deus quer ((repete gesto anterior)) lhe abençoar nas finanças",
 20 eu senti o espírito santo me falando que era pra eu coop-
 21 mandar os quinhentos reais pra ele .h e mandei, e no
 22 fim do mês, inesperadamente veio um aumento pra mim de mil s::
 23 reais, o dobro, eu falei e olha o:: un:: VI pude verificar .h
 24 que o ministério do pastor silas malafaia é terra frutífera, deus
 25 abençoa, tem a unção do espírito. então eu resolvi mesmo no
 26 ap- apertado financeiramente dar os mil reais para, o ministério
 27 do silas malafaia. passei a ser co:: parceiro gideão e
 28 i nes pe radamen=novamente em dois meses >°mais ou menos°< veio
 29 outro aumento no meu salário. eu consegui fazer um negócio extra
 30 extraordinário e consegui, a:: um dinheiro que poderia quitar as
 31 dívidas, mas, dois dos principais bancos, com que eu estava
 32 acertando, .h a:: depois de re- aceitarem a oferta, voltaram atrás
 33 e não quiseram. Meu filho falou "pai, um lh:: aplica na bolsa que
 34 em três meses o senhor tem essa, importância triplicada."
 35 naquele momento o espírito santo me fez lembrar a palavra do
 36 senhor jesus em marcos, capítulo dez, versículo vinte e nove e
 37 trinta, que ele diz ninguém há que tenha deixado, ou melhor,
 38 investido no evangelho por amor ao evangelho >e por amor a mim<
 39 que não r:: não receba cem vezes mais falei "cem vezes mais, eu
 40 vou investir no reino de deus". investi no reino de deus
 41 e começou a fazer::, a vi o meu salário melhorar.
 42 ((olha pra outra câmera, e câmera lateral dá um close em seu busto. aparece
 legenda na parte inferior da tela: wilson alves de souza, catedral metodista
 do rio de janeiro)) inesperadamente
 43 * quando eu fiz o investimento de, mandei dez, passei a, mandar
 44 dez mil reais com todo hh o meu aperto financeiro .h tudo que eu
 45 tinha. e eu ligo a televisão, o pastor silas malafaia junior,
 46 iniciando o programa, ele diz cita isaías sessenta e quatro, quatro,
 47 "nunca se viu deus como o nosso, que trabalha por aqueles que nele
 48 espera". eu me emocionei, senti no espírito
 49 santo me revelando que estava, deus estava trabalhando por mim
 50 e, i nex pli ca velmente, no meu, no ministério das relações
 51 exteriores que eu sou aposentado, NUNCA houve greve hh lá,
 52 fizeram uma greve reivindicando melhoria de salarial

53 >exatamente na minha carreira<. e, eu f:: meu salário foi duplicado.
 54 (com semblante sério) deus é fiel, deus é tre men do e o ministério
 55 do pastor silas malafaia eu com todo sacrifício .h
 56 eu tenho investido, porque é terra fértil
 57 e o que o brasil precisa é ouvir a palavra de deus,
 58 conhecer esse jesus vivo, real, que é o mesmo ontem, hoje e será
 59 eternamente. e ele dá prosperidade, na paz, no lar, na:: harmonia,
 60 na:: felicidade, na certeza da salvação não é só financeira não,
 61 mas a e:: segurança. isso é que é vida, vida com jesus.

5.4.3.

Análise dos dados

Na seção de orientação de sua história, contida nas linhas 1-3 do excerto 5, o senhor Wilson apresenta informações sobre sua pessoa que podem servir como credenciais sociais que atuariam no sentido de conferir maior credibilidade ao que vai ser narrado, tanto junto à audiência de credo protestante – “pela infinita graça e misericórdia do senhor fui consagrado pastor pelo espírito santo de deus” (linhas 2-3) – quanto às demais audiências – “fui vice-cônsul do brasil na europa, na áfrica:: e por último, no uruguai” (linhas 1-2). Atuaria também nesse sentido o fato do cenário ser ambientado no cômodo de uma residência, uma vez que, conforme o sistema de coerência do senso comum (LINDE, 1993), quanto mais íntimos somos de uma pessoa (e normalmente só somos convidados a adentrar a residência de alguém que nos julgue íntimo), mais fidedigno deve ser aquilo que essa pessoa nos diz.

Nossa percepção é a de que a narrativa em que se consiste a maior parte do testemunho do senhor Wilson Alves apresenta uma recursividade do clímax, aspecto não descrito no padrão laboviano de narrativas mas previsto por modelos subsequentes (LONGACRE, 1981, 1983; apud GEORGAKOPOULOU, 1997(b)). Essa recursividade apareceria em quatro momentos distintos da história, nos quais ocorre a presença do que chamamos díades (ver tabela 2).

A repetição das díades atuaria, no nosso entendimento, como um elemento avaliativo intensificador (LABOV, 1972) que conduz a audiência a uma interpretação que estabeleça um elo de causalidade entre as contribuições enviadas via parceria e os inexplicáveis recebimentos de recursos financeiros.

tabela 2: as díades

1ª díade	“cooperar”	linhas 10 a 14
2ª díade	“mandar”	linhas 15 a 25
3ª díade	“dar”	linhas 25 a 33
4ª díade	“investir”	linhas 33 a 53

Depois de ter iniciado sua história com um segmento de orientação no qual dá algumas informações sobre si, o senhor Wilson reproduz uma passagem bíblica que, somada à narrativa mínima que a segue, também pode ser enquadrada como do segmento orientação, uma vez que um evento mencionado na narrativa mais à frente (o do acordo entre o senhor Wilson e alguns bancos) tem a ver com uma situação cuja causa é explicada aqui:

07 eu desobedeci↑ a palavra de deus e fiquei↑ como fiador,
 08 para ajudar uma pessoa amiga, e não deu certo,
 09 e fiquei numa situação financeira muito difícil.

Ora, deve-se considerar que,

(...) parar a sequência de ações narrativas chama atenção para a parte da narrativa e indica aos ouvintes que tal fato tem alguma conexão com o ponto de avaliação. Quando isto é feito com arte, a atenção dos ouvintes é também suspensa, e a resolução vem com muito mais força (Labov, 1990, p. 374).

Sob essa ótica, pode-se sugerir que, ao inserir uma advertência bíblica no início da narrativa (*linhas 4-6*), o senhor Wilson esteja recorrendo a uma avaliação pela suspensão da ação (no caso, antes mesmo de seu início), a qual manifesta sua perspectiva (do narrador) em relação à história que passará a contar. A presença do trecho bíblico acarretaria, então, duas consequências: a primeira seria a de suscitar na audiência um maior interesse pela história a ser narrada, pelo fato de querer saber que resultados advirão de seu ato, classificado por ele próprio como de desobediência. A segunda seria a de – bem de acordo com o que se esperaria do discurso oriundo de um pastor – endossar o conselho / aviso contido no discurso bíblico, servindo de ilustração acerca das consequências de um ato de desobediência sobre os que, como ele, ignoram uma advertência bíblica.

Díade I: “cooperar”

Aparece aqui a primeira sequência daquilo que chamamos de díade “semear-colher”, claramente observável no segmento “passei a cooperar com cem reais por mês. >de repente< veio inesperadamente um quinhentos reais extra.” (linhas 11-13).

Há, contudo, nas linhas que antecedem o aparecimento dessa informação, alguns fatos linguísticos sobre os quais queremos nos debruçar. Trata-se da curiosa atitude de o narrador ter substituído o verbo *resolveri* pela estrutura senti de Deus: eu:: *resolveri ser=cooperar*, >senti de deus< (linha 11). Para entendermos esse fenômeno, importa atentarmos pro fato de que o vocábulo *resolveri* é verbo atitudinal (do mesmo campo semântico de *decidir*, *determinar*), fortemente relacionado à agência e que envolve, geralmente, raciocínio prévio. Ocorre que, após pronunciá-la, o narrador faz uma espécie de reparo, optando pela expressão *senti de Deus*.

A expressão *senti de Deus* (linha 11) e suas equivalentes “senti o espírito santo me falando” (linha 21), “o espírito santo me fez lembrar” (linha 36), e “senti no espírito santo me revelando” (linhas 49-50) são recorrentes em contextos onde prevaleça o sistema de coerência da TP (que provê meios de compreensão, avaliação e construção de *accounts* de experiência – cf. LINDE, 2003, p.164) de base pentecostal; tal fenômeno torna-se plausível se entendermos, ancorados Schiffrin (1994, p.99), que “cognição e linguagem são afetadas por forças culturais e sociais”. No programa mencionado no início deste seção, por exemplo – durante o qual o evangelista Morris Cerullo libera a unção financeira –, por inúmeras vezes o mesmo declara “estar sentindo uma unção do Espírito Santo” pairando no estúdio.

O fato é que a opção pelo uso da expressão “senti de Deus” neste enunciado tem o efeito de praticamente transferir para Deus a agência da ação “semear” da díade referida: *passei a cooperar com cem reais por mês* (linhas 11 e 12). Isso porque minimiza-se o grau de controle sobre seu próprio comportamento (DURANTI, 2004; apud PEREIRA & CORTEZ, 2013) quando um pastor age conforme “sentiu de Deus”; e também porque, no caso, a ação que estaria sujeita a avaliação – em termos de responsabilidade por um dado resultado

– (idem) não seria propriamente sua (aspecto sobre o que se discorrerá mais adiante).

O momento “colher” da díade aparece na frase “>de repente< veio inesperadamente um quinhentos reais extra como e:: de um:: de outro recurso que me apareceu” (linhas 12 e 13). Ora, se atentarmos aqui para o uso das expressões “de repente” e “inesperadamente”, inseridas pelo narrador na sua fala, perceberemos que esse segmento envolve eventos que o próprio falante caracteriza, de alguma maneira, como insuficientemente causados (LINDE, 1993, p.141).

O modo como explicitamente o narrador caracteriza a causalidade como insuficiente, nesse trecho da narrativa, reaparecerá em outros momentos da história. Se, conforme Linde (idem) “arrolamos como *account* de acidente todas as narrativas, explanações e assim por diante, que explicitamente caracterize algum evento ou sequência de evento como acidente, fruto do acaso ou coisa parecida”; e se consideramos que “um evento acidental prototípico parece ser um evento que não é intencionalmente causado por qualquer participante” (ibidem), o evento mencionado aqui deverá ser entendido como um caso típico de acidente.

Díade II: “Mandar”

É aquela cujo momento da doação aparece na excerto “eu senti o espírito santo me falando que era pra eu coop-mandar os quinhentos reais pra ele .h e mandei” (linhas 20-21). Se se repete aqui aquilo que entendemos se constituir num apagamento de agência de Wilson (“o espírito santo me falando que era pra eu coop-mandar os quinhentos reais pra ele”), este apagamento já é de certa forma minimizado se considerarmos que quem “manda” quinhentos reais parece ter um maior engajamento do aquele que simplesmente “coopera” com cem reais.

A mudança de atitude sugerida pela nova avaliação pode ser atribuída como consequência da soma dos seguintes fatos: o de Wilson já ter sido surpreendido com o recebimento do quántuplo de um valor enviado e o de Silas Malafaia dizer (apontando para ele) que Deus o queria abençoar financeiramente. Apoio essa afirmação em Bloom e Gumperz (2013 [1972], p.45), para quem “as regras de seleção de código e as regras gramaticais operam abaixo do nível de

consciência, podendo ser independentes das intenções declaradas do falante”.

A outra banda dessa díade, o “colher”, aparece na declaração “e no fim do mês, inesperadamente veio um aumento pra mim de mil s:: reais, o dobro” (linhas 21-22). Considerando que se um evento acidental usualmente é um acontecimento particular e que nesta narrativa, excepcionalmente, há vários eventos reconhecidos ou avaliados com tal, o reaparecimento, aqui, de uma expressão de casualidade (inesperadamente), poderia sugerir à audiência do pastor Wilson que a vida dele tem seguido a esmo – conforme comentamos no capítulo de fundamentação.

Contudo, tal não seria o caso; este aparentemente problemático estado de coisas, longe de ser um problema para o narrador, na verdade constitui-se num trabalho especial de criação de sentido pra sua história. É que “o tipo de atividade (...) restringe as interpretações, canalizando as inferências de forma a ressaltar ou tornar relevantes certos aspectos do conhecimento prévio (...)” (Gumperz, 2013 [1982], p.152). Assim, levando em conta as informações dadas antes do início dessa análise (quem é o narrador, qual a finalidade de um testemunho, qual os pressupostos do sistema de coerência em que se situa, etc.) podemos compreender que o uso dessas expressões acaba praticamente não dando outra opção à audiência do senhor Wilson, se não a de atribuir essa aparente sucessão de eventos acidentais a uma obra do sobrenatural provocada pela obediência a Deus, ao responder os apelos do pastor Silas e enviando-lhe ofertas financeiras. Assim sendo temos aqui, então, um poderoso recurso do narrador para a construção do sentido que almeja dar a sua história.

Díade III: “dar”

Após receber o dobro do valor que mandou como resposta ao apelo do pastor Silas, Wilson “pode verificar” “que o ministério do pastor silas malafaia é terra frutífera, deus abençoa, tem a unção do espírito” (linhas 24-25). Sob o impacto dessa constatação, o narrador, pelo menos por hora, deixa de mitigar sua agência (dividindo-a com Deus) relativamente à doação financeira e utiliza o verbo *resolvi* (inclusive com o acréscimo de elemento avaliativo paralinguístico) na declaração em que aparece a seção “semear” desse

segmento: “então eu resolvi mesmo no ap- apertado financeiramente dar os mil reais para, o ministério do silas malafaia” (linhas 25-27). Tais palavras sugerem, para um analista atento, uma incipiente cobiça, estado intencional não tão coadunado com princípios cristãos.

E antes que emerja a declaração referente à contraparte “colher” desta díade, Wilson cita claramente aquilo que deverá ser entendido, pela audiência que interpretará essa história com as pistas de contextualização acima mencionadas, como a causa última desses surpreendentes e sucessivos auferimentos de valores: seu engajamento no sistema de parcerias – “passei a ser co:: parceiro gideão” (linha 27).

As parcerias

As parcerias são a terceira e última prática basilar do sistema de coerência do neopentecostalismo analisada neste trabalho; assim como os sacrifícios e as campanhas, aparecem (implícita ou explicitamente) nos testemunhos elencados nas subseções anteriores como uma forma de criação e estabelecimento de uma causalidade que, fora do sistema de coerência da TP, dificilmente seria tomada pela audiência como aceitável ou suficientemente adequada.

O termo parceria, usado para designar uma associação em que um dos envolvidos é uma instituição (com ou sem fim lucrativo) é um conceito bastante comum no mundo corporativo. Significa, essencialmente, uma associação em que ambos os associados recebem algum tipo de benefício. Se, por exemplo, numa escola pública há palestras sobre higiene bucal para as crianças, esse fato está dentro das expectativas do que se espera de uma instituição de escolar. Entretanto, quando – fato bastante corriqueiro – alguma empresa envia pessoas para dar tal tipo de palestra numa escola administrada pelo Estado, ocorre aí uma parceria, conveniente tanto para o governo (que não teve gastos materiais ou com pessoal) quanto para a empresa (que pode se aproveitar da ocasião para anunciar um produto novo, melhorar sua imagem junto à comunidade, etc.).

Chamo de “parceria” a uma prática peculiar às igrejas neopentecostais⁵⁰,

⁵⁰ Não temos conhecimento de casos de igrejas históricas e do pentecostalismo clássico pedirem contribuição permanente. Além disso, dificilmente o fazem fora do rol de sua membresia.

que se efetiva quando um alguém realiza doações regulares⁵¹ (via boletos, cartões ou depósitos bancários), tendo a oportunidade de contribuir com elas para a realização da “obra de Deus” na terra. Diferentemente da devolução dos dízimos, pressuposto compartilhado pelas religiões judaico-cristãs (ainda que não praticado por muito de seus seguidores) as parcerias possuem um caráter mais voluntário e o valor com que o fiel contribui é predeterminado pela instituição parceira.

Os nomes dados a esses mantenedores variam de igreja para igreja (são 'parceiros ministeriais' para a Associação Vitória em Cristo, 'patrocinadores' para a Internacional da Graça; 'gideões da conquista', para a Renascer e 'pregadores do telhado' na Paz e Vida).

Nosso entendimento é de que a resposta positiva que tais solicitações encontram em pessoas das mais diversas filiações religiosas advém da sensação de *poder* ou *utilidade* que se manifeste em alguém que descobre poder ser “sócio de Deus”; ou de outro estado – o da comoção – gerado em alguém que seja informado que seu dinheiro vai ser usado para “espalhar a palavra de Deus (...), levando àqueles que vivem na angústia e na dor a *vida abundante* prometida pelo Senhor Jesus.”⁵²

Mas para que alguém entenda essa associação como uma real parceria, tal como o senhor Wilson⁵³ – que passou a fazer doações mensais de mil reais –, acreditamos que somente os estados intencionais mencionados acima não seriam suficientes. A fim de aprofundarmos o entendimento dessa questão, começo por reproduzir um esclarecimento sobre a questão, encontrado na página virtual dedicada aos parceiros da Igreja Internacional da Graça de Deus, os chamados patrocinadores:

Depois de me tornar um Ministro Patrocinador, é certo que conseguirei alcançar as bênçãos que espero?

Jamais ensinamos que as ofertas compram bênçãos de Deus, pois elas nos são dadas gratuitamente; porém, demonstram o amor que temos à obra divina.⁵⁴

⁵¹ Na página virtual da Associação Vitória em Cristo, lê-se que o Projeto Parceiro Ministerial e Projetos Sociais “é um programa de fidelidade” http://www.vitoriaemcristo.org/_gutenweb/_site/gw-parceiro-ministerial/ (acesso em 01/08/15)

⁵² Fonte: <<https://doacao.universal.org/default.htm>> (Acesso em 05/07/15)

⁵³ A fala de Wilson Alves transcrita na linha 27 apresenta um reparo; nela, o senhor Wilson substitui provavelmente a palavra “cooperador” pela expressão “parceiro”: *passsei a ser co:: parceiro gideão – linha 27*).

⁵⁴ Fonte: <<http://patrocinadores.ongrace.com/site/ministeriopatrocinador>> (idem)

Essa resposta é bastante clara quanto ao sentido que essas igrejas pretendem dar às ofertas dos parceiros: fruto do amor. Porém, ao longo desta pesquisa percebi que, assim como bens materiais “oferecidos como sacrifício” e valores ofertados nas campanhas, as doações mensais enviadas sob o sistema de parceria também assumem, ao menos no imaginário do fiel, o sentido de serem “movedoras da mão de Deus”.

Tal entendimento foi formulado a partir da leitura de cartas de patrocinadores, publicados na página referida acima. Ora, uma vez que a igreja certamente detém o controle das cartas ali publicadas (com poder até de edição), e também que tais relatos devem ser selecionados por alguém que precisa conhecer as crenças da igreja a fim de se evitarem distorções, pode-se deduzir que os discursos contidos nas narrativas contidas em cartas ali publicadas são avaliados pela igreja (ainda que, alhures, declare o contrário). Alguns desses testemunhos estão reproduzidos abaixo:

16/06/2013 - DEIXEI DE HONRAR MEU COMPROMISSO

Enviado por: Marta Cunha Valinhos-SP

“Estou em um relacionamento desde 2008 e sempre enfrentávamos brigas e atribulações. Apesar de ele ser uma pessoa maravilhosa, via que o inimigo não queria nossa paz em Jesus. Um dia, o Senhor falou para eu corrigir um erro do passado: falta de fé e coragem com relação a um propósito feito com Ele. Lembrei-me que, em 1998, não havia honrado meu compromisso de patrocinar. Depois que voltei a fazê-lo, as brigas pararam e ele parou de fumar. É uma nova pessoa.”

19/06/2013 - APROVAÇÃO NA FACULDADE

Enviado por: M. V. G. A. São João da Boa Vista-SP

Em 2006, minha filha estava com problemas de notas na faculdade. Sempre que orava por ela, vinha à minha mente o versículo: “Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua Justiça (...)”. Em uma noite, após orar, liguei a TV no programa Show da Fé. O referido versículo estava na tela, e o Missionário disse: “Minha irmã, a sua filha está em dificuldades? O que você está esperando para inscrevê-la como patrocinadora?”. Imediatamente a inscrevi, e ela conseguiu ser aprovada, para a glória de Deus. Amo Jesus.

Percebe-se assim a existência de dois discursos paralelos sobre os objetivos do sistema de parceria: o de oferta como fruto de amor (institucional) e aquele em que a oferta ajuda Deus a realizar a sua obra na terra e, em contrapartida, contribui para a solução de problemas financeiros, amorosos ou de

saúde do parceiro (ecoado pelos fieis); este último pode ser inferido pela leitura de mais este excerto:

31/05/2013 - BÊNÇÃO CERTA

Enviado por: Edinalva Serra do Ramalho-BA

Meu esposo começou a patrocinar e logo conseguiu um emprego. Depois, parou de fazer as doações e perdeu o emprego. Então, senti de Deus que deveria continuar fazendo as contribuições e Ele abençoou meu esposo mais uma vez com um emprego!

Assim, levando em consideração as informações acima e entendendo que “parceiro Gideão” (linha 27) é como se denomina aquele que envia mensalmente à Associação Vitória em Cristo um valor acima de mil reais, voltamos à análise do testemunho do senhor Wilson, focando agora o segmento “colher” da díade, que aparece nas linhas 28 e 29: *i nes pe radamen=novamente em dois meses >°mais ou menos°< veio outro aumento no meu salário.*

Nessas linhas ressurge um termo ligado à casualidade, com o qual o narrador – contrariamente ao que sugere seu comportamento e sua fala nas linhas anteriores – sugere que o retorno financeiro obtido através do aumento salarial era “inesperado”. De fato, o narrador está ciente de que se considerarmos que as “pessoas decidem interpretar uma determinada elocução com base nas suas definições do que está acontecendo no momento da interação” (Gumperz, 2013 [1982], p.152), surgirá aqui uma tensão entre o inesperado e o resultado do engajamento na parceria no que concerne ao incremento salarial mencionado.

Díade IV: “investir”

Nessa última parte da história (as últimas linhas da transcrição apresentam uma exultação emocionada do senhor Wilson) o narrador faz reaparecer o elemento divino “*o espírito santo me fez lembrar*” (linha 35); acreditamos que a mudança de postura no segmento anterior – o único em que sua ação não teria sido direcionada por Deus – coopera no sentido de tornar a narrativa de Wilson mais fidedigna, uma vez que aquele que conta uma história deve procurar equilibrar o uso de relatos deterministas, posto que seu uso excessivo sugere que “o narrador implicitamente admite uma teoria de causação fatalista ou determinista” (LINDE, 1993, p.128).

Uma particularidade deste trecho narrativo é que aqui a díade semear-

colher é descrita em dois momentos: primeiro no trecho “vou investir no reino de deus. investi no reino de deus e começou a fazer::, a vi o meu salário melhorar” (linhas 40-41), no qual salta aos olhos o uso da palavra “investir”, cuja carga semântica pode ser bastante sugestiva quanto ao modo como os adeptos da TP encaram seu engajamento no sistema de parcerias, conforme já discutido aqui.

Com efeito, a mudança paulatina de postura do senhor Wilson – pastor metodista, uma igreja evangélica histórica e não pentecostal – relativamente ao evangelho da prosperidade ocorre à medida que vai experienciando os eventos relatados ao longo do texto, que resumimos às chamadas díades “semear-colher”. Tal metamorfose é claramente manifesta quando atentamos para o fato de que o narrador começa usando o verbo “cooperar” (linha 11) e termina usando o verbo “investir” (linhas 41 e 57).

Num segundo momento esse relato se subdivide: nas linhas 42-45 aparece o momento de semear – inesperadamente, quando eu fiz o investimento de, mandei dez, passei a, mandar dez mil reais com todo hh o meu aperto financeiro .h tudo que eu tinha – ao passo que o de colher vem um pouco mais adiante:

50 e, i nex pli ca velmente, no meu, no ministério das relações
 51 exteriores que eu sou aposentado, NUNCA houve greve hh lá,
 52 fizeram uma greve reivindicando melhoria de salarial
 53 exatamente na minha carreira. e, eu f:: meu salário foi duplicado.

Dessa forma, são fortes os indícios de que o esforço empreendido por Wilson (transcrito nas linhas 42-45) foi realizado com objetivo bastante diverso do de “levar a Palavra de Deus para o Brasil e o mundo, a fim de formar uma sociedade mais harmônica a partir dos ensinamentos de Cristo”. Tal afirmação baseia-se em falas como “cem vezes mais, eu vou investir no reino de deus” (linhas 40-41) na qual o narrador expressa sua decisão de não investir na bolsa – conforme seu filho lhe sugerira – e sim no sistema de parceria após ser lembrado, pelo Espírito Santo, de que este último investimento render-lhe-ia cem vezes mais.

Já nas linhas 50-53, assim como nos pares que antecedem o momento de

colheita nas partes anteriormente analisadas, é o próprio narrador quem deixa evidente – pelo uso da expressão “inexplicavelmente”, marcada por uma pronúncia pausada – a excepcionalidade ou afastamento do canônico do evento relatado, no caso, a inédita greve no ministério das relações exteriores e o consequente aumento salarial.

A essa altura da análise, já terá sido possível perceber que “um forte elemento de criatividade individual contribui para a criação da causalidade adequada” (LINDE, 1993, p.128), e que “a habilidade ou inépcia do falante na construção da narrativa também pode determinar se uma dada sequência é aceitável para seus destinatários” (idem).

Dessa forma, não fosse a perícia do pastor em mostrar para a audiência o elo existente entre os valores enviados por ele via parceria e suas “vitórias financeiras”, o número elevado de expressões como “de repente” (linha 12), “inesperadamente” (linhas 12, 23, 29 e 42) e “inexplicavelmente” (linha 51) em sua história levá-lo-ia a perder o equilíbrio desejado bem como o crédito da audiência, uma vez que estaria conferindo um caráter excessivamente acidental à narrativa.

Pesa em favor a presente interpretação – ou seja, a de que considerar os eventos como fortuitos não atrapalha, mas antes fortalece o elo de causalidade entre a prática da parceria e os montantes recebidos – saber que a consideração de acontecimentos realmente como fortuitos, casuais ou acidentais parece não fazer parte da rede de crenças que configura o sistema de coerência do protestantismo clássico⁵⁵, muito menos do da Teologia da Prosperidade.

Assim, não obstante a eventual presença de termos desse campo semântico em narrativas de indivíduos neopentecostais alinhados à TP, a situação social e o evento em que elas se materializam praticamente apaga o sentido de eventualidade que elas carregam. Teríamos aqui, portanto, um clássico exemplo de seleção e organização dos eventos contribuindo coletivamente para o propósito pretendido da história (MISHLER, 2002).

De forma bastante resumida, poderíamos descrever as principais

⁵⁵ Diante de fatos aparentemente sem explicação, os protestantes (tradicionalistas ou pentecostais) costumam fazer uso do trecho bíblico que se encontra na epístola de I Tessalonicenses, capítulo 5, versículo 18, no qual se lê “Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.”

características das três práticas consideradas acima da seguinte forma: o sacrifício é pontual, remete ao Antigo Testamento (e seus ideários) e pode ser entendido como uma espécie de troca em que um determinado valor financeiro ofertado deve ser “proporcional” àquilo que se deseja alcançar; por isso, geralmente neste tipo de prática (como se pode deduzir pelo nome) os valores envolvidos são mais altos.

Já as campanhas são eventos mais longos; elas não remetem diretamente a uma prática do Antigo Testamento, (embora seus nomes frequentemente remetam a eventos ou personagens dessa parte da Bíblia); por serem eventos mais duradouros, algumas igrejas divulgam suas campanhas através de folhetos (com imagens) e podem afixar grandes painéis (com as mesmas ilustrações) em lugar de destaque dentro da igreja antes ou depois do período das mesmas; algumas delas fazem também uso de objetos simbólicos durante a sua realização. Há campanhas em que o valor da oferta é determinado pelo fiel, mas para outras é preciso contribuir com valor pré-determinado.

Finalmente, a parceria (partner = sócio) é a associação em que o fiel faz uma espécie de acordo com Deus através de uma dessas igrejas. O objetivo é que a parceria seja uma prática perene, por isso é tida como um programa de fidelização. Encaramo-la também como uma espécie de permuta, em que os parceiros (Deus e o fiel) se ajudariam mutuamente; o primeiro com contribuições financeiras que promovam a vontade divina na terra e este último com uma paga ou retribuição realizada através de ações sobrenaturais (no âmbito financeiro, amoroso ou da saúde) em favor do contribuinte. Aqui os valores podem variar e, de acordo com o valor enviado mensalmente é que os parceiros são classificados (parceiro fiel, parceiro gideão, parceiro especial, por exemplo).

5.5.

Alguns entendimentos

Finalizo este capítulo arrolando os principais aspectos em comum entre as três narrativas analisadas acima, selecionadas por nós pelo fato de serem bastante representativas dos modelos de histórias que emergem nos testemunhos alinhados

à Teologia da Prosperidade.

Entendemos que quando Carlos, Ednaldo, Wilson e uma infinidade de pessoas (no Brasil e alhures) dão testemunhos em ambientes assemelhados aos dados deste trabalho, eles estão organizando suas experiências e criando sentido para estas, sentidos esses que se relacionam principalmente às suas vidas financeiras, profissional e/ou religiosa. Ao discursarem em certos cenários, os interactantes (co)constroem sentidos para as histórias, os quais se somam a outros discursos afins e formam uma rede de crenças que tem a capacidade de fortalecer o ideário do sistema de coerência da TP.

Uma importante ação realizada pelos discursos contidos nesses testemunhos é a de atuarem como uma espécie de argumento favorável à efetividade de práticas típicas da TP, tais como a dos sacrifícios, das campanhas, das parcerias e outras, de uso mais restrito, não contempladas nesta pesquisa. Provavelmente isso explica o fato de os momentos de testemunhos serem tão frequentes e importantes nos cultos centrados na busca da prosperidade ou que a ela deem destaque. Pelo mesmo motivo, boa parte das igrejas adeptas deste ideário providencia que esses mesmos testemunhos alcancem uma audiência que vá além da plateia presente nos cultos em que eles primeiramente se corporificam.

Portanto, é para obterem êxito no trabalho de conquistarem mais adeptos que se engajem nas práticas da TP – e parece que esse têm sido bem sucedidos nisso – que os narradores habilmente manuseiam aquilo que Bruner (1997) chama de “afastamentos do canônico” (BRUNER, 1997), fornecendo causas que normalizem ou naturalizem a ocorrência desses eventos excepcionais. No caso das narrativas acima, poderíamos explicitar essa ação através do esquema mostrado na tabela 3.

Importante destacar que a análise das narrativas denuncia que mesmo os narradores, ainda que participantes também do sistema cultural interpretativo da TP, encaram tais eventos como possuidores de um fraco elo de causalidade, posto que os caracterizam como impossíveis aos olhos humanos (testemunho de Carlos Henrique), milagrosos (de Ednaldo) ou inexplicáveis (Wilson Alves).

No momento em que se voluntariam a relatar suas experiências, Carlos Henrique, Ednaldo e Wilson já têm em mente o enredo de suas histórias; do

contrário, estariam sujeitos à correção por parte da audiência, pelo fato de suas histórias não possuírem elos adequados (nem tão forte nem tão fraco) de causalidade. Por isso julgo que se para o entrevistador os testemunhos da TP atuam como um discurso defensor dos pressupostos da TP, para todos os entrevistados adeptos dessa vertente do protestantismo significa precipuamente ter encontrado um sentido para os eventos extraordinários que experienciaram, sentido esse que poderá ou não ser mantido ao longo de sua história de vida.

Tabela 3: afastamentos do canônico x adequação de causalidade

Testemunho	Afastamentos do canônico	Justificativa ou explicação
Seção 5.2 (Testemunho de Carlos Henrique)	Retirada do imóvel do leilão de iptu; equacionamento das dívidas; queda da dívida de 760 mil para 60 mil em 24 parcelas de 2500 reais (“impossível, aos olhos do homem” – linha 30).	Inconformação; superação da desconfiança; pertencimento à Nação; sacrifício.
Seção 5.3 (Testemunho de Ednaldo)	Libertação do remédio da pressão; quase 400% de aumento nas vendas em um ano (milagre da superação – linha 33); de funcionário a patrão em menos de três anos.	Realização da campanha “Heróis da superação”; “determinação da cura”; “engajamento no sistema de parceria (pregador do telhado).
Seção 5.4 (Testemunho de Wilson Alves)	Recebimento <i>repentino e inesperado</i> de 500 reais extra; aumento salarial inesperado de 1000 reais; inesperadamente, outro aumento salarial; greve inexplicável (e inédita) no Ministério das Relações Exteriores com a consequente duplicação de salário.	Engajamento, “com todo aperto financeiro”, no sistema de parceria da Associação Vitória em Cristo; investimento no reino de Deus.

Nesse ponto, pode-se tecer alguns comentários sobre convergências e divergências entre os cristãos reformados do período de expansão do capitalismo e os atuais adeptos da TP. De fato, a pujança econômica prevalente nas regiões

habitadas majoritariamente pelos primeiros deve-se principalmente ao fato de a ascese protestante intramundana ter agido com veemência contra o gozo descontraído das posses (tão próprio da sociedade feudal); isso “tanto estrangulou o consumo quanto teve o efeito psicológico de liberar o enriquecimento dos entraves da ética tradicionalista, rompendo as cadeias que cerceavam a ambição do lucro, não só legalizando-o mas também encarando-o como diretamente querido por Deus” (WEBER, (2004 [1920], p.155). De certo modo, pode-se resumir o que foi dito acima pelo quadro abaixo:

vida ascética + desobstrução do lucro = prosperidade financeira

Dessa forma, pode-se dizer que o objetivo de “ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro” seria um ponto em comum entre os dois grupos. Mas suas posturas divergiriam no que tange à ética do consumo porque se por um lado, para os primeiros fiéis da igreja reformada, esse ganho se dava sob “o mais rigoroso resguardo de todo gozo imediato do dinheiro ganho” (idem p.46), como um fim em si mesmo, por outro lado “a TP representou a adequação de determinados segmentos do protestantismo (...) tanto ao rápido crescimento da economia como também (...) ao desejo de participar das riquezas deste mundo sem desvincular-se da religião ou ser censurado por ela” (SOUSA, 2011, p.225). Esta última afirmação é confirmada por não poucos testemunhos com que me deparei durante minha pesquisa etnográfica, quando algumas pessoas declararam ter adquirido, após alinharem-se à TP, carros importados e/ou casa de praia, por exemplo.

Outra importante diferença é que enquanto o êxito financeiro dos adeptos da TP está atrelado a uma intervenção divina em seu favor, como uma forma de retribuição por adotarem alguma das práticas de sua rede de crenças, é à fé em que “a honestidade é útil porque traz crédito; e o mesmo se diga da pontualidade, da presteza, da frugalidade também” (WEBER, (2004 [1920], p.45) que se costuma atribuir a causalidade da manifestação da prosperidade na vida dos primeiros protestantes. Realmente, a conduta de vida racional fundada na ideia de profissão como vocação (um dos elementos componentes do espírito capitalista moderno), nasceu do espírito da ascese cristã (cf. idem, p.164).

Por fim, a pesquisa de campo permitiu-me notar com nitidez outra distinção entre os dois grupos, a saber, a de que enquanto os primeiros adeptos da reforma religiosa valorizavam o exercício diligente de suas atividades (independentemente de qual fosse) “como um meio ótimo e muitas vezes como o único meio de se certificar do estado de graça” (ibidem, p.162), é muito comum que os alinhados à TP estimem uma posição de liderança em seus ofícios (ser patrão) ou a abertura de seus próprios negócios (ser autônomo ou empresário).